

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Carlos Alberto Bejani e o Comando 730:  
A construção do herói nas ondas do rádio

Juiz de Fora  
Fevereiro de 2013

Nara Oliveira Salles

Carlos Alberto Bejani e o Comando 730:  
A construção do herói nas ondas do rádio

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para a obtenção de  
grau de Bacharel em Comunicação Social  
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Alvaro Eduardo Trigueiro Americano

Juiz de Fora  
Fevereiro de 2013

Nara Oliveira Salles

Carlos Alberto Bejani e o Comando 730:  
A construção do herói nas ondas do rádio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF

Orientador: Alvaro Eduardo Trigueiro Americano

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 28/02/2013  
pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Ms. Alvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Orientador

---

Prof. Ms. Frederico Belcavello Guedes (UFJF/CES-JF) – Convidado

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Convidado

Conceito Obtido \_\_\_\_\_

Juiz de Fora  
Fevereiro de 2013

– Agradecimentos –

Allan Gouvêa. Allana Meirelles. Alvaro Americano. Carlos Alberto Bejani. Chico Brinati. Davi Boratto. Deise Oliveira. Denise Salles. Diego Rezende. Domingos Frias. Frederico Belcavello. Geraldo Muanis. Gil Horta. Iluska Coutinho. João de Souza Coelho (Alemão). Jocemar de Souza. Letícia Torres. Márcio Guerra. Paloma Destro. Paulo Roberto Figueira Leal. Roberta Braga. Sônia Cristina Macedo Alvim. Tadeu Salles. Thais Caselli. Vera Couri. Vera Lúcia Mello Reis. Zilma Hauck.

“O mundo é um palco,  
No qual homens e mulheres são apenas atores.  
Fazem sua entrada, sua saída  
E a cada homem, em seu tempo, cabem vários papéis.”

*Do filme O Candidato (1971), de Michael Ritchie.*

## RESUMO

A proposta deste trabalho é resgatar a memória do rádio em Juiz de Fora (MG), com ênfase para a rádio Nova Cidade e o programa Comando 730, que teve como repórter Carlos Alberto Bejani. O cotidiano de produção do programa, as histórias e as opiniões sobre a postura do apresentador estão reunidos em depoimentos de Bejani (2012), de um dos fundadores da Nova Cidade, Domingos Frias (2012), e do motorista que também participava do Comando, João de Souza Coelho (2012), conhecido como Alemão. Os apontamentos de Aldé (2001), Del Bianco (2005) e Moreira (2006) juntam-se aos depoimentos, relacionando meios de comunicação e política. A atuação de Bejani frente ao Comando foi submetida à tipologia criada por Schwartzberg (1977), em sua teoria da personalização da política, e aponta para a busca do radialista em consolidar a imagem de “herói” e “igual a todo mundo”. Ao longo do programa, Bejani conquistou popularidade e foi eleito em 1988 como prefeito de Juiz de Fora. Em função de sua vitória, o trabalho se encerra com a reflexão sobre a possível influência que a atividade profissional de Carlos Alberto Bejani teve para que ele assumisse o Executivo Municipal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carlos Alberto Bejani. Política. Rádio.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 O RÁDIO EM JUIZ DE FORA.....</b>	<b>11</b>
2.1 OS ANOS DE OURO DO RÁDIO.....	14
2.2 A NOVA CIDADE ENTRA NO AR.....	18
<b>3 COMANDO 730 E CARLOS ALBERTO BEJANI.....</b>	<b>21</b>
3.1 O RADIALISTA.....	22
3.2 CARLOS ALBERTO BEJANI NO COMANDO.....	23
3.3 A POLÍTICA.....	29
<b>4 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA.....</b>	<b>33</b>
4.1 O RÁDIO NA POLÍTICA.....	34
4.2 A POLÍTICA ESPETÁCULO.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>6 POSFÁCIO.....</b>	<b>48</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>
<b>8 APÊNDICE.....</b>	<b>53</b>
APÊNDICE A. ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO BEJANI.....	54
APÊNDICE B. ENTREVISTA COM DOMINGOS FRIAS.....	60
APÊNDICE C. ENTREVISTA COM JOÃO DE SOUZA COELHO (ALEMÃO).....	67

## 1 INTRODUÇÃO

Toda história é contada a partir de um ponto de vista. Os relatos contidos neste trabalho, portanto, não constituem uma versão oficial ou o que verdadeiramente aconteceu ao longo dos anos. Estes depoimentos trazem a experiência narrada de quem participou diretamente da produção do Comando 730 e da administração da Rádio Nova Cidade. Suas falas são marcadas pelo tempo que se passou desde o começo da emissora e do programa, o que, pode influenciar a maneira de se enxergar o passado. Entretanto, Bejani (2012), Coelho (2012) e Frias (2012) nos apresentam, legitimamente, um homem comum, nascido em São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, que adotou Juiz de Fora como sua cidade aos 4 anos de idade. Em passagem com o circo da família, sua mãe se apaixonou por um pedreiro juiz-forano e decidiu viver na cidade.

De origem simples, criado na Vila Ideal, um bairro periférico de Juiz de Fora. Trabalhou desde muito jovem como vendedor de pirulitos, lavador de para-brisas, atendente de sapataria. Descobriu, nas horas vagas, a sua paixão pelo rádio. Este era Carlos Alberto Bejani, antes do Comando 730, de acordo com os relatos de Bejani (2012), Coelho (2012) e Frias (2012).

Depois de passar pela Rádio Correio da Serra, em Barbacena, Bejani voltou a Juiz de Fora, trabalhou na Rádio Capital, mas alcançou o sucesso na Rádio Nova Cidade. À frente do Comando 730, ele percorreu as ruas da cidade junto com o motorista Alemão levando para as ondas do rádio alguns problemas e injustiças sociais.

Com o passar do tempo, os ouvintes passaram a acreditar no radialista como o defensor de seus direitos e aquele que lutaria para que eles fossem atendidos. A partir daí, a origem de homem comum de Carlos Alberto Bejani se misturou com uma personagem heroica, que o radialista encontrou e desenvolveu ao longo do programa.

Neste momento, Bejani já não era um cidadão qualquer. Com esta percepção, alçou voos na política, assumindo a Prefeitura de Juiz de Fora, no ano de 1988, quatro anos depois uma vaga na Câmara de Deputados de Minas Gerais e, mais tarde, foi reeleito prefeito da cidade.

Com o intuito de desvendar o caminho trilhado pelo agora ex-prefeito no Comando 730, que culminou na construção de sua personagem, e refletindo sobre a possível influência que o programa pode ter tido para que o - até então - politicamente inexperiente Bejani vencesse as eleições contra forças tradicionais da cidade é que este trabalho foi construído.

Além de tentar estabelecer um panorama do rádio na cidade, buscou-se reunir depoimentos de Carlos Alberto Bejani, João de Souza Coelho, motorista do Comando 730, conhecido como Alemão, e Domingos Frias, idealizador do programa e um dos fundadores da Rádio Nova Cidade. As memórias trouxeram à tona parte da origem do programa, do cotidiano de produção do 730, da postura de Bejani como radialista, das histórias vividas nas ondas do rádio e das opiniões sobre o Comando e as eleições para prefeito de Juiz de Fora do ano de 1988.

Os depoimentos foram cruzados com a teoria de Schwartzberg (1988), que desenvolveu uma tipologia para os políticos, considerando que o eleitorado é significativamente mais influenciado por elementos pessoais do que por programas de governos propriamente ditos. Nas categorias criadas pelo autor estão “herói”, “igual a todo mundo”, “líder charmoso” e “nosso pai”, às quais Carlos Alberto Bejani foi submetido.

A Schwartzberg (1977) somam-se Aldé (2001), Arcine e Passeti (2012), que relacionam a política com os meios de comunicação, e Del Bianco (2005) e Moreira (2006), que abordam a história do envolvimento do rádio na política no Brasil desde o governo Getúlio Vargas, ponto de partida dos autores.

Em um misto de memória e teoria, este trabalho foi construído não sob a hipótese de que o Comando 730 conduziu Bejani à prefeitura de Juiz de Fora, mas que contribuiu para a vitória do radialista. O estudo também tem a intenção de refletir sobre a força do rádio e sobre a postura do comunicador que, de um homem comum, se tornou prefeito da cidade e um dos políticos mais influentes na cidade.

Além de ocupar o Executivo Municipal em 1988, Bejani exerceu dois mandatos consecutivos como Deputado Estadual de Minas Gerais e retornou à Prefeitura de Juiz de Fora em 2005, mandato interrompido por sua renúncia, após investigação da Polícia Federal, que o envolveram em um escândalo de desvio de verbas do Fundo de Participação do Município (FPM).

Desta maneira, ao longo destas páginas estão reunidas parte da história do rádio em Juiz de Fora, da Rádio Nova Cidade, do Comando 730, da história de Carlos Alberto Bejani até a sua vitória como prefeito de Juiz de Fora e, sobretudo, uma parte da própria história recente da cidade.

## 2 O RÁDIO EM JUIZ DE FORA

A história do rádio em Juiz de Fora tem início em 1925 e seguiu a tendência que o rádio estabelecia no país. A primeira emissora a se instalar na cidade – a Rádio Sociedade de Juiz de Fora (PRA-J) – reafirmava as características das rádios instaladas na época:

Eram empreendimentos sem fins lucrativos, feitos por grupos aficcionados ao rádio, tinham objetivo de disseminar cultura e informação, mas na realidade, serviam muito mais para diversão dos membros destas sociedades ou clubes de rádio, que pagavam mensalidades para manter as estações, cuidavam da programação, inclusive escrevendo, tocando, cantando e ouvindo a eles mesmos. (CIRIBELLI, 1991, p.6)

A Rádio Sociedade foi a primeira<sup>1</sup> emissora do estado de Minas Gerais e a décima instalada no Brasil. Fundada em 20 de outubro de 1925 e inaugurada em 1º de janeiro de 1926, a emissora foi fruto do pioneirismo de José Cardoso Sobrinho que se encantou com o poder do rádio e criou a Fundação Cardoso Sobrinho.

De acordo com Ciribelli (1991), as transmissões tinham caráter intimista, aconteciam na casa de Cardoso Sobrinho, na Rua Tiradentes, e contavam com a participação de parentes e amigos que ele convidava. Naturalmente, a transmissão era falha e ouvida, apenas, por um número reduzido de pessoas.

Ainda segundo a autora, a situação da Rádio Sociedade teve significativa melhora com sua mudança para o Parque Halfeld, no mesmo prédio em que funcionava a Biblioteca Municipal. Com alto-falantes instalados, as pessoas movimentavam o Parque em busca de músicas que, em sua maioria, eram de caráter elitista, e de notícias, que, naquela época, consistiam em leitura de jornais do dia, conforme o modelo instaurado por Roquete Pinto na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Ciribelli (1991) e Lins e Brandão (2012) consideram que há uma disputa com a Rádio Sociedade de Belo Horizonte a respeito de ser a primeira do Estado. Ambos os autores colocam, porém, que os prefixos eram estabelecidos por ordem alfabética, de forma que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era PRA-A, a de Juiz de Fora, PRA-J, e a de Belo Horizonte, PRA-L. Assim, estaria provado que a emissora de Juiz de Fora foi, realmente, a primeira do estado.

Em 1930, a rádio passou a PRB3, no mesmo momento em que se deu o ingresso de Pedro Gonçalves e a falência de José Carlos Sobrinho, que levaria a emissora a leilão. Neste contexto, o Estado se tornou o principal sócio da Rádio Sociedade, possibilitando a continuidade da emissora nos moldes em que ela se mantinha até então.

Entretanto, com a II Guerra Mundial, o rádio viveu um novo momento de dificuldade. Toda a aparelhagem da emissora, por exemplo, foi solicitada pela 4ª Região Militar, o que causou prejuízos e acabou por atrasar a evolução normal que a Rádio Sociedade viveria.

Este momento coincidiu com a chegada da publicidade no rádio que, nesta época, era extremamente formal.

As publicidades eram muito cerimoniosas, do tipo “se Vossa Excelência está com dor de cabeça, pergunte ao seu facultativo...”. A inserção de publicidade no rádio foi consequência da falta de condições de manutenção das estações, somente com as mensalidades de contribuintes. Afinal, a rádio estava se desenvolvendo e precisava de aplicação de verba maior. (CIRIBELLI, 1991, p.17)

No início da década 40, a rádio se consolidava com um clima familiar, adequando a programação aos horários dos integrantes da Sociedade. Neste mesmo período, o jornalismo se transforma e os temas se tornam mais diversificados. A emissora também contava com a participação de conjuntos regionais e tinha a sua própria orquestra, mas a sua principal característica, destacada por Ciribelli (1991, p.19), era “o cunho essencialmente educativo e pouco ou nada comercial”.

O que se pode notar é que os programas de antigamente, apresentavam níveis mais elevados para o público ouvinte, com linguagem rebuscada, assuntos mais consistentes e que envolviam questões mais abrangentes e interessantes. Havia, ainda, os noticiários esportivo, local, nacional e regional. (CIRIBELLI, 1991, p.19)

Com a morte de Albino Esteves, que assumira a presidência da emissora no período da Guerra, o novo presidente, Francisco Salles de Oliveira, transferiu as ações do

Estado<sup>2</sup> para Assis Chateaubriand, a partir do ano de 1947. A partir daí, a rádio recebeu novos investimentos, como novo toca disco, aparelhagem e mesa de som.

Em 1949, a morte de Pedro Gonçalves de Oliveira colocou seu filho, Walter Cavalieri, para dividir a direção da rádio com o então presidente, Renato Dias Filho, e anuncia mudanças no cenário da comunicação pelas ondas do rádio na cidade.

Neste mesmo ano, o empresário Alceu Nunes da Fonseca, diretor de rádios no interior da Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, inaugura a Rádio Industrial. Instalada no edifício Baependi, na Rua Halfeld, a emissora de prefixo ZYT-9 apostou nos moldes da Rádio Nacional para concorrer com a Sociedade. Com noticiários, programas musicais, orquestras e conjuntos regionais, “a Industrial veio impetuosa, fazendo coisas que a B3 jamais sonhou realizar. Muito bem aparelhada, a Industrial não só rimava com Nacional, como também era a sua cópia exata” (CIRIBELLI, 1991, p.21).

Entre as coberturas de destaque realizadas pela nova rádio, estavam o Campeonato Sul-americano de 1949, que teve transmissões de todos os jogos, inclusive dos que aconteceram no Rio de Janeiro e em São Paulo e do Carnaval deste mesmo ano.

No início da década de 50, nomes relevantes do rádio da cidade constituíam a equipe na Rádio Industrial. Otto Ribeiro, Mário Helênio, Cláudio Temponi (que saiu da B3) e Paulo Oliveira faziam ingressaram para trabalhar na emissora.

O empenho e dinamismo da Industrial puderam ser comprovados na cobertura do incêndio do Clube Juiz de Fora, no centenário da cidade, em 1950. Nesta ocasião, a Industrial estava de mudança do Parque Halfeld para a Rua São João e montou a nova estação sem tirar a antiga do ar.

---

<sup>2</sup> Ciribelli (1991) justifica a transferência com uma lei federal que proibia a participação de órgãos públicos na concessão e manutenção das rádios do país.

Com a concorrência no ar, a Rádio Sociedade adquiriu novos equipamentos e muda a sua localização também para a Rua São João. A partir daí, a emissora passa a se chamar Super B-3.

Com duas rádios na cidade, os ouvintes juiz-foranos ganhavam muito. Nos programas de auditório, nas radionovelas, enfim, em tudo ligado à rádio, haviam verdadeiros duelos entre Industrial e PRB-3, duelos famosos e afinados cantores, prêmios valiosos; toda semana era uma surpresa para o público. As duas rádios tinham um único objetivo: se superarem em técnica, produção, fazer em exímio trabalho para angariar a cada dia, mais ouvintes. (CIRIBELLI, 1991, p.29)

Nos próximos anos, novas emissoras chegariam à cidade, marcando o mais significativo desenvolvimento do rádio: a sua Época de Ouro.

## 2.1 OS ANOS DE OURO DO RÁDIO

Na década de 50, a chegada da Rádio Industrial e a modernização da PRB3 conduziram o rádio em Juiz de Fora à sua fase áurea, que trouxe novas emissoras para a cidade, como a rádio Tiradentes. Transferida sem autorização de São João Nepomuceno, a Tiradentes pertencia ao então governador de São Paulo, Ademar de Barros, mas a licença terminou cassada pelo Governo Federal.

Criada para ser uma emissora essencialmente musical, segundo Belcavello (2010), a Rádio Difusora foi fundada na cidade através de um canal concedido por Getúlio Vargas na véspera de sua morte, em 3 de setembro de 1955. Com o prefixo ZYV-53, a Difusora foi montada na Rua Santo Antônio e representa um marco no desenvolvimento do rádio na cidade.

A Rádio Difusora, que tinha a coordenação musical do meu irmão [Gudesteu Mendes], foi a primeira emissora do Brasil a tocar sem intervalo comercial. Era aquela música mesmo, música maravilhosa e, em cima dela, criou-se no Rio de Janeiro, a pedido da diretoria da TV Tupi, a Rádio Tamoio, que foi a cópia da Rádio Difusora de Juiz de Fora, pelo sucesso que ela alcançou naquela época. Uma maravilhosa emissora, muito bem cuidada, muito bem orientada. Era música, esportes e informações, mais nada. (MENDES apud BELCAVELLO, 2010, p.78)

No ano seguinte à instalação da rádio, o fundador da Difusora, Sérgio Mendes, adquiriu a Rádio Industrial e forma a cadeia DIAL (Difusora e Industrial), localizada na Praça João Pessoa, no largo do Cine-Theatro Central. Para Belcavello (2010, p.79), “a partir de então, as estações passavam a contar com estrutura e equipe muito mais enxutas, apoiando a programação na execução de discos musicais, prestação de serviços, esporte e notícias curtas”.

Durante a década de 50, as radionovelas tiveram destaque na programação das emissoras, que possuíam elenco numeroso. Uma trama de significativo sucesso foi *Gotas de Mel em Taças de Fel*, escrita por padre Wilson Valle da Costa e transmitida pela Rádio Sociedade. Os protagonistas eram representados por Iná Coelho e Mário César, tradicionais radioatores de Juiz de Fora. Segundo Ciribelli (1991, p.26), “a novela ficou por quase um ano no ar e promoveu padre Wilson de simples apresentador do programa Problemas da Vida, onde ele dava conselhos”.

Bara e Pequeno (1991) ressaltam, também, a importância que os programas de auditório tiveram neste período, atuando, principalmente, na aproximação entre a plateia e seus ídolos. “A plateia era eclética e fazia uma festa. Havia sorteio de brindes, brincadeiras, participação de cantores famosos, como Marlene, Sílvia Caldas, Ângela Maria, Emilinha Borba, além de orquestras, conjuntos regionais e muitos calouros” (BARA e PEQUENO, 1991, p.19-20).

De acordo com Bara e Pequeno (1991), Cláudio Temponi fez sucesso ao trazer o programa *Balança mas não cai* da Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, para a Industrial. Na Super B-3, o destaque era *Soirée Feminina*, comandado por José de Barros.

O jornalismo também teve o seu espaço nas rádios da cidade. Wilson Cid compunha a equipe da Cadeia DIAL, onde transmitiu eventos nacionais, como a vinda de Fidel Castro ao Brasil e o incêndio do circo norte-americano em Niterói. O jornalista também

esteve à frente do programa jornalístico de maior prestígio na cidade, o *Noticiarista T-9*, da Industrial. Todavia, conforme ressaltam Bara e Pequeno (1991),

Não se pode deixar de citar o programa *Ronda Policial*, na **Super B-3** [grifo do autor], criado por José Carlos de Lery Guimarães, no início da década de 50. Mais tarde, o radialista Carlos Neto assume o comando do programa, acumulando as funções do repórter, redator, produtor e chefe. Ele fazia as reportagens com um gravador de 40 quilos e buscava as notícias nas delegacias de Juiz de Fora. (BARA e PEQUENO, 1991, 21)

No final dos anos 50, como resalta Bara e Pequeno (1991, p.22), “o rádio foi perdendo a sua força e se rendeu aos altos custos de manter um grande elenco. Orquestras foram dissolvidas, radionovelas e programas de auditório foram encerrados”.

Nesse contexto, um novo veículo de comunicação aparece e justifica a decadência do rádio na cidade. Tendo surgido na década de 50, a televisão reafirma, mais uma vez, o pioneirismo de Juiz de Fora no que diz respeito à comunicação. Como relatam Bara e Pequeno (1992, p.22), “é importante, neste registro histórico, documentar, finalmente, que Juiz de Fora assiste à primeira transmissão de TV, ao vivo, da América Latina, em 1950”.

A transmissão foi do jogo de futebol entre Tupi e Bangu, no estádio Salles de Oliveira, experiência comandada pelo técnico Olavo Bastos Freire, que instalou um pequeno receptor na Rua Halfeld. Posteriormente, em 1964, é inaugurada a TV Industrial, que ocupou o canal 10 depois de concessão do presidente João Goulart ao empresário Sérgio Mendes.

Segundo Ciribelli (1991, p.40), “com a entrada firme da televisão na vida do brasileiro, o rádio se retraiu e em Juiz de Fora, chegou até a afastar-se dos acontecimentos”. Desta maneira, foi preciso que o veículo descobrisse outros caminhos de atuação para competir com a tevê.

Primeiramente, o rádio se tornou um meio individual de consumo, uma vez que o público não se aglomerava mais nos auditórios então dissolvidos, e passou a ser mais presente nos carros, nos diferentes cômodos das casas, nos estádios de futebol, se diferenciando, assim, pela sua portabilidade.

Com um novo cenário estabelecido pela televisão, o jornalismo se torna uma possibilidade de diferenciação e o rádio passa a investir em notícias claras e precisas. Além disso, como destaca Ciribelli (1991),

Os programas noticiosos ganham os patrocinadores e o mais importante agora, é trazer os fatos o mais rápido possível, mas também, o mais fielmente conseguido. Os donos das emissoras investem em equipamentos novos, carros de reportagem, pessoal especializado. O esporte também ganha força no rádio, e se torna um dos principais esteios publicitários. (CIRIBELLI, 1991, p.41)

O esporte passa a ser, agora, um dos principais centralizadores dos investimentos publicitários, ganhando força no veículo. A programação musical também sofre alterações com intuito de agradar maior parte do público e acaba por se tornar mais eclética. O rádio passa a vislumbrar na prestação de serviço uma maneira de fazer os seus comunicadores ocuparem o vazio deixado pelos animadores extintos.

No ano de 1977, Sérgio Mendes desmembra a cadeia DIAL e Glauco Fassheber, já conhecido por ter sido locutor oficial da Presidência da República nos governos de Médici, Geisel e Figueiredo<sup>3</sup>, adquire a Rádio Difusora. A Industrial, por sua vez, se torna Rádio Capital ao ingressar no sistema de rádio de mesmo nome.

Juracy Neves, no início da década de 80, compra a Rádio Sociedade e realiza uma transformação na emissora que hoje é a Rádio Solar AM. Com o slogan “É hora de mudar”, a programação foi dinamizada, os noticiários ganharam mais espaço, o horário foi estendido e a emissora entrou para as mais ouvidas da cidade.

Por volta de 1981, Glauco Fassheber inaugura a primeira FM de Juiz de Fora, a Manchester FM. O canal seguia a característica das FM's, que chegaram ao Brasil na década de 80 : mais música em vez de informação e público jovem como ouvinte.

---

<sup>3</sup> Glauco Fassheber iniciou a carreira no rádio como locutor e programador da Difusora. Além disso, fez o noticiário “A Voz do Brasil” e trabalhou no Banco do Brasil.

## 2.2 A NOVA CIDADE ENTRA NO AR

Segundo Frias<sup>4</sup> (2012), a emissora foi inaugurada em janeiro de 1983 e sua origem é marcada pela vacância do canal da Rádio Difusora, considerada perempta<sup>5</sup> pelo Ministério das Comunicações, de acordo com ele, por conta de irregularidades e não cumprimento de normas técnicas.

Para Frias (2012), a política tinha significativa influência na concessão de canais de radiodifusão pelo Governo. “Havia até uma brincadeira quando se abria um edital de concorrência. Dizia-se ‘é de tal’” (FRIAS, 2012). Desta maneira ele, que trabalhava na Secretaria Municipal de Governo, junto com o secretário, Fernando Antônio Rainho Tomás Ribeiro, e o prefeito da época, Francisco Antônio de Mello Reis, decidiram pleitear a frequência 730.

Depois de pedir a abertura do edital, o próximo passo era constituir uma empresa, como foi feito por Frias. Eis que nasce a Rede Juiz de Fora de Radiodifusão Ltda., que teve como sócios Frias, Rainho e Mello Reis. “Só que, como a coisa tem um peso político muito grande, na composição da sociedade nós colocamos um Deputado Federal, um Deputado Estadual e o Vice-prefeito. Eu fiquei fora da constituição societária, porém eu fiz todo o trabalho técnico” (FRIAS, 2012).

A empresa venceu a concorrência e ocupou o canal na frequência 730 AM e, antes de sua inauguração em 1983, passou dois meses em caráter experimental. De acordo com Frias (2012), os deputados e o vice-prefeito participaram da sociedade somente para fortalecê-la politicamente e o prefeito Mello Reis e o secretário Rainho não tinham experiência no ramo. Por conta disso, em 13 de maio de 1983, eles venderam a parte na sociedade para Frias, que teve Josino Aragão, empresário do setor de ensino em Juiz de Fora, como sócio. De

---

<sup>4</sup> Domingos Frias foi um dos fundadores e sócio da emissora.

<sup>5</sup> Quando uma emissora, de televisão ou rádio, não apresenta os documentos exigidos pelo Ministério das Comunicações para a renovação da concessão do canal.

acordo com Frias (2012), “a rádio ficou no ar dois meses e pouco, três meses, com uma programação insipiente, muitas pessoas dentro da rádio foram pra lá por questões políticas [...]. Quando eu assumi a rádio, [...] eu deixei de lado o cunho político e parti para o cunho profissional”.

Para Frias (2012), a Nova Cidade apresentava uma programação diferenciada, baseada em esportes, jornalismo e o que ele denomina de fatos diários. “Eu posso afirmar que houve uma revolução no rádio, porque o rádio era muito tacanho, muito voltado para dentro de si próprio. Nós colocamos o rádio na rua” (FRIAS, 2012).

Ainda segundo Frias (2012), o objetivo da emissora se relacionava com o slogan da Rádio Continental do Rio de Janeiro: “O que a Rádio Continental não deu foi porque não aconteceu”. “A gente se baseava nisso porque eu queria fazer com que qualquer fato que acontecesse na cidade alguém se lembrasse da Rádio Nova Cidade e dissesse: ‘liga na Nova Cidade que vai dar’. [...] Então ouvir na Nova Cidade significava credibilidade” (FRIAS, 2012).

Outra característica da emissora, segundo Frias (2012), é que a maior parte do quadro de locutores foi formada dentro da rádio e não era originário de outros canais, como era comum na época, com exceção, apenas, de Claudinei Coelho e de Carlos Alberto Bejani. Entre os comunicadores que compunham a equipe da rádio estavam Ronaldo Mineiro e Gil Horta.

Mesmo tendo acrescentado traços populares à programação, segundo Frias (2012) a emissora era voltada para todos os cidadãos de Juiz de Fora, uma vez que ela priorizava os fatos e, portanto, interessaria a todos. “Foi uma rádio que, à época, teve todos os horários em primeiro lugar de audiência, chegando, em alguns horários, a ser 100%. Era uma rádio voltada para toda a cidade” (FRIAS, 2012).

Segundo Frias (2012), a emissora inovou ao investir na programação 24 horas, até então, inédita na cidade. Além disso, a Nova Cidade adquiriu um furgão para reportagens externas que, de acordo com Frias (2012), até então era inexistente na cidade. “Nós fazíamos questão que esse carro fosse para o calçadão e ficasse parado, fosse para a Antiga Prefeitura, para o Parque Halfeld. Era uma melancia: a partir do momento que ele era visto, a audiência subia” (FRIAS, 2012). Ele ainda declara que a emissora foi uma revolução no rádio em Juiz de Fora. “Foram muitos novos valores que começaram na Rádio Nova Cidade e isso eu sei que incomodou a velha guarda do rádio” (FRIAS, 2012).

No ano de 1986, visando outros investimentos, Josino Aragão vendeu a sua parte da sociedade para os empresários Marcos Falconi e Carlos Alberto Lavinias e, depois de alguns meses, Frias acompanhou os passos do velho sócio. Segundo Frias (2012), “os novos proprietários deixaram a rádio seguir por ela mesma”. Fato que acarretaria o fechamento da emissora, em 1987.

Antes de encerrar as atividades, porém, a emissora seria vendida para Carlos Alberto Bejani, funcionário da rádio aproximadamente desde a sua criação. Entretanto, segundo Frias (2012), o radialista estava endividado e não teve como arcar com as despesas da emissora.

Juntamente com a Nova Cidade, foi encerrado o programa Comando 730. Entretanto, ele pode ser lembrado até os dias de hoje também na figura de seu apresentador mais famoso, Carlos Alberto Bejani, posteriormente Prefeito de Juiz de Fora por dois mandatos e Deputado Estadual de Minas Gerais.

### 3 COMANDO 730 E CARLOS ALBERTO BEJANI

De acordo com Frias (2012), o Comando 730 foi inspirado nos Comandos Continental<sup>6</sup>, da Rádio Continental do Rio de Janeiro, e foi trazido por ele para a Rádio Nova Cidade. Para ele, “o Comando era o fato, podia ser na parte policial, podia ser com acidente, podia ser um incêndio” (FRIAS, 2012). Assim, o Comando nasceu para ser um programa jornalístico, sem hora marcada, com inserções na parte da manhã e da tarde na programação da emissora.

Tendo sido iniciado no ano de 1983, na administração de Frias, o Comando 730 era constituído de reportagens externas, auxiliadas pelo sistema de escuta que a emissora tinha do rádio da Polícia e Corpo de Bombeiros. Dessa forma, segundo Frias (2012), a equipe da emissora sabia exatamente o que estava acontecendo na cidade.

Diariamente, nos turnos da manhã e da tarde, o carro de reportagem da Nova Cidade, que tinha o mesmo nome do programa e, segundo Bejani (2012) foi o primeiro veículo de reportagem externa da cidade, embora haja relatos de que a Rádio Industrial já tivera tal automóvel. O carro da Nova Cidade percorria as ruas de Juiz de Fora, guiado pelo motorista João de Souza Coelho, conhecido como Alemão, acompanhado do repórter.

Apesar de o programa ter tido diferentes apresentadores, foi Carlos Alberto Bejani quem mais se destacou e se mantém na lembrança dos ouvintes do Comando 730. Para Frias (2012), “as pessoas não se lembram dos outros apresentadores. (...) Bruno Lery Guimarães foi o primeiro a fazer o Comando na parte da tarde. Bejani fazia de manhã” (FRIAS, 2012). Breno Rocha também foi um dos radialistas que estiveram à frente do programa

---

<sup>6</sup> Criados por Carlos Palut em 1950, os "Comandos Continental, segundo Besspalhok (2007, p.2), inauguraram uma nova maneira de fazer radiojornalismo no Brasil. Com reportagens externas, “cobria os fatos do começo ao fim, privilegiando a informação e a prestação de serviço”. Eram transmitidos pela Emissora Continental do Rio de Janeiro.

### 3.1 O RADIALISTA

Carlos Alberto Bejani nasceu em São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1949. Filho de Hélio Klinger Bejani e Isa Portilho Bejani, veio para Juiz de Fora com o circo de sua família aos quatro anos de idade.

Eu cheguei em Juiz de Fora na carroceria de um caminhão de um circo. Meu pai tinha falecido e minha mãe tinha voltado pro circo. O circo tava fazendo uma turnê por Minas, saiu do Rio e chegou em Juiz de Fora. E aqui ela [a mãe] conheceu um pedreiro, Dedé, Geraldo Sebastião Ferreira, que eu até chamava de pai. Também já faleceu. E ela ficou com ele, casou com ele, o circo foi embora e eu fiquei aqui com 4 anos de idade. (BEJANI, 2012)

Em depoimento a Guerra (1991), Bejani afirma que foi do circo que “nasceu o meu amor pelo povo, que na sua sabedoria aprende a enfrentar e vencer a adversidade, seguindo os mais corajosos e ousados. O povo pode até não compreender direito o que está acontecendo, mas acredita e vai em frente” (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.30).

Vivendo em um bairro pobre da periferia de Juiz de Fora, Bejani (2012) considera que sua vida antes do rádio foi uma luta diária.

Eu comecei primeiro no Bar Acadêmico, na Batista de Oliveira, lavando copo. Com 14 anos, eu tive a minha primeira carteira assinada. Do Bar Acadêmico, eu fui pra Sapataria 13 de Maio, que existe até hoje, lá na Batista, no Largo 13 de Maio, ali na Getúlio Vargas. Dali eu fui servir o Exército, no 10º Regimento de Infantaria. Quando eu voltei do Exército, eu continuei na Sapataria 13 de maio e fui trabalhar no Delmonte 2001. (BEJANI, 2012)

Segundo Bejani (2012), foram as horas de almoço desfrutadas em frente à Rádio Industrial, que o levaram a ter contato com radialistas como José Carlos Lery Guimarães<sup>7</sup>, Wilson Amin<sup>8</sup> e Adair Mendes<sup>9</sup>. “Eu ficava conversando e aquilo começou a me fascinar, porque minha raiz é artística” (BEJANI, 2012).

De acordo com o radialista, desacreditado pelos profissionais da área na cidade, Bele conseguiu sua primeira oportunidade na Rádio Correio da Serra, em Barbacena. “Uma semana depois, sem saber direito como é que as coisas estavam acontecendo, já tinha um

<sup>7</sup> Um dos mais importantes radiojornalistas de Juiz de Fora. Iniciou sua carreira no final da década de 40, trabalhou na Rádio Industrial e criou a Ronda Policial, na PRB-3.

<sup>8</sup> Radialista da Rádio Capital, se destacou principalmente na área esportiva.

<sup>9</sup> Importante radialista de Juiz de Fora. Apresentou programas de auditório nas Rádios Industrial, Capital e Nova Cidade.

programa – o ‘Sábado Alegre’, de 2 às 5 da tarde, e em dois meses estourei em audiência. O programa passou a ser o mais ouvido em Barbacena e nas cidades vizinhas” (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.39).

Conta-se que com o sucesso em Barbacena, Bejani foi convidado por algumas emissoras juizforanas e começou a trabalhar na Rádio Capital, em 1982, com um programa que ia ao ar de meia-noite às cinco da manhã em que conversava com trabalhadores que trocavam o dia pela noite. Entretanto, ganhou destaque na Rádio Nova Cidade, com o Comando 730.

### 3.2 CARLOS ALBERTO BEJANI NO COMANDO

Ao assumir a direção da Nova Cidade, Frias (2012) relatou que entrevistou cada funcionário da emissora e encontrou Carlos Alberto Bejani, que já trabalhava para a emissora. Segundo ele, Bejani era responsável pela cobertura dos acontecimentos da Câmara Municipal e foi convidado para fazer o Comando pelo potencial e disposição que demonstrava.

Desta maneira, juntamente com o motorista João de Souza Coelho, também conhecido como Alemão, Bejani começou a percorrer a cidade em busca de irregularidades e denúncias:

Comecei a denunciar todos os abusos que aconteciam na cidade: o mau atendimento médico, a arbitrariedade policial, a desatenção dos poderes públicos para com os bairros mais pobres, tudo. Onde houvesse um problema qualquer, uma injustiça, o “Comando 730” aparecia, em poucos minutos, e tomava a defesa dos pobres da periferia. (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.41)

Entretanto, Frias (2012) argumenta que o Comando nasceu como um programa jornalístico, quem imprimiu o caráter de denúncia, segundo ele, teria sido Bejani em virtude deste traço em sua personalidade.

A falta de horário fixo na programação e inserções dependentes dos acontecimentos marcavam a rotina do programa. De acordo com Coelho, “o Comando 730 tinha prioridade para entrar em qualquer horário, em qualquer programa. Aí a gente acionava o locutor que tivesse na época” (COELHO, 2012).

A tendência para o jornalismo de denúncia – ou denunciismo<sup>10</sup> – evidenciada pelo Comando se aplicava em outras regiões do país. Neste período, o Brasil vivia sua redemocratização<sup>11</sup>, o que impulsionou a audiência deste tipo de programa. “Tinha acabado aquele regime militar e o povo, acho que queria expressar. Então foi uma coisa diferente. (...) Com a entrada da Nova Cidade tinha liberdade de imprensa. E com isso, com a novidade da rádio, foi criando muita audiência” (COELHO, 2012).

Para fazer o programa, a dupla “saía às sete horas da manhã e ia até meia-noite, uma hora, duas horas. Tinha vezes de virar até a noite, dependendo da condição” (COELHO, 2012). Ainda de acordo com Coelho (2012), lugares como a 7ª Delegacia de Polícia e o Hospital de Pronto Socorro (HPS) recebiam visitas fixas e diárias da dupla.

Segundo Frias (2012), a equipe da Nova Cidade, composta por Zilma Hauck, Luís Antônio Magri, dentre outros, pautava o radialista, direcionando-o para o lugar, hora e assunto que deveria abordar. Entretanto, é necessário ressaltar que tanto Bejani (2012) como Coelho (2012) e Frias (2012) destacaram a importância da população na sugestão de pautas, já que, por considerar o programa como defensor de seus problemas, os ouvintes entravam em contato com a emissora, revelando problemas vivenciados por eles.

Por causa de o Comando resolver muito os problemas, o pessoal ligava para a rádio. Ele falava no ar, juntava o povão, o pessoal falando o que acontecia. Tinha lugar que não tinha rede de esgoto, tinha lugar em que a água caía a céu aberto, não tinha água. Tinha era muita decadência na cidade. (COELHO, 2012)

---

<sup>10</sup> Nos moldes de Abreu (2003), a expressão se refere “à facilidade de denúncias sem investigação ou evidências suficientes, com o predomínio da notícia sensacional, a narração de uma história dramatizada, em que o registro dos fatos não é feito com isenção” (2003, p.33).

<sup>11</sup> Considera-se aí a mobilização popular iniciada com o movimento “Diretas já”, em 1985. Desde o fim da ditadura, em 1985, esse gênero de programa – de denúncia – é exibido com relativo sucesso em praticamente todas as emissoras de radiodifusão.

Segundo Bejani (2012), a relação da população com o programa “chegou a ponto de passar uma sirene do Corpo de Bombeiro e [o povo] colocar na rádio pra saber o que era. Porque sabia que a rádio estava lá. Passava o carro da polícia, com a sirene ligada, [a população] colocava na rádio, sabia que o Bejani ia estar lá”.

De acordo com Frias (2012), à frente do Comando 730, “o Bejani não era uma pessoa que falava mal da administração municipal apenas. Ele falava da política, ele falava do bandido, falava da Polícia Militar, falava da Polícia Civil. O que era certo ele falava, o que era errado ele falava”.

Conforme relata Bejani (2012), “eu denunciava tudo. Denunciava judiciário, morosidade, a falta de atenção dos mais necessitados, os privilégios daqueles melhores situados na vida financeiramente, o mau atendimento na saúde. Tudo isso era notícia”.

Além das denúncias, parte da cobertura era dedicada a assuntos policiais, segundo Coelho (2012).

A gente via muita morte, suicídio. Uma vez um carro caiu no rio Paraibuna, perto da ponte da [Rua] Benjamin e os corpos desapareceram. Um carro da Telemig, na época, com três pessoas. Atropelou uma senhora e, nele atropelar a senhora, a senhora agarrou na beira do rio e o carro caiu com três e foi embora. Um dia depois acharam um [corpo] ali na Vila Ideal, depois acharam [outro] perto da Usina Quatro e depois acharam outro lá no Granjas Betânia. E a velhinha de 78 anos se salvou. (COELHO, 2012)

Para Frias (2012), Bejani era um radialista destemido e isso foi fundamental para consagrá-lo no Comando. “O Bejani era uma pessoa que tinha a cara do Comando, ele tinha a cara da cidade” (FRIAS, 2010).

Coelho (2012) também confirma que Bejani “não tinha medo não. Ele tinha um estopim curtíssimo”. Desta maneira, se alguém o provocasse durante alguma reportagem, ele respondia de imediato, como relata Coelho (2012). “Ele tinha raiva de droga, dessas coisas, então algumas vezes teve algumas agressões. Tinha gente que chegava e falava isso [o Comando] é bobeira, é conversa fiada. Ele reagia. Em qualquer circunstância, ele chegava junto” (COELHO, 2012).

De acordo com Coelho (2012), um caso que traduz o destemor de Bejani e a sua busca pela notícia foi o desaparecimento de Ernani Ramos de Oliveira, um dos mais importantes bicheiros da região na época. Segundo Coelho (2012), ele estava entre as Ruas Halfeld e Marechal Deodoro, no Centro da cidade, entrou em um estacionamento e nunca mais foi visto, o que, segundo ele, teria intrigado o radialista.

Ele acompanhou muito esse caso e teve muitas ameaças, não sabia de onde, quem e tal, e ninguém aparecia. Se ele continuasse falando no caso do Ernani ele ia desaparecer. Chegou uma vez de marcar em um lugar para encontrar e nós fomos, inclusive até com carro particular, não foi com o carro da rádio não. O caso do Ernani ele ficou uns 6 meses pegando no pé. Aí ele começou a falar de delegado que tava no meio... E até hoje o Ernani está desaparecido. Se puder, ele mexe até hoje no caso do Ernani, um dos bicheiros mais fortes da região. (COELHO, 2012)

Ainda segundo Coelho (2012), em virtude de tal cobertura, ele e Bejani foram chamados junto à Polícia Federal que pediu a não intervenção de radialista no caso, justificando que este seria um tema de investigação somente da Polícia.

Outra história significativa que, para Frias (2012), reflete a audácia de Carlos Alberto Bejani frente ao Comando 730 é a vez em que bandidos fugiram do presídio de Santa Terezinha em uma noite de terça-feira. Frias (2012) conta que, na manhã de quarta, Bejani se encaminhou para a sede da Polícia para fazer entrevistas sobre o caso.

Na quarta-feira de manhã é o dia da educação física nas Corporações Militares. Então, ele foi ao Batalhão de Polícia Militar entrevistar o comandante. Quando ele chegou lá, o comandante havia vindo de Belo Horizonte e o subcomandante também era de Belo Horizonte e estavam os dois jogando peteca. Então, ele, na mesma hora falou assim: “criminosos invadindo a cidade, evadiram do presídio, ainda não foram recuperados, é um sinal de alerta, todos devem se manter em suas casas”. Aí ele aumentava tudo. “Mas eu estou aqui para entrevistar o comandante, eis que me surpreendo: o comandante está jogando uma emocionante partida de peteca com o subcomandante. E diga-se de passagem que pela hierarquia o comandante vence o subcomandante”. Ele era inteligentíssimo (FRIAS, 2012).

Segundo Frias (2012), o comandante entrou em contato com ele e pediu que averiguasse o que tinha acontecido, solicitando ainda a fita da gravação<sup>12</sup>.

Eu fui lá, ouvi a gravação e realmente ele tinha deitado os cachorros em cima do comandante. Eu chamei o Bejani, chamei o Claudinei Coelho, locutor do outro horário, e fizemos uma remontagem. (...) Gravamos, na porta da rádio, toda a matéria outra vez já com uma conotação mais suave. Ele falou que facínoras haviam

---

<sup>12</sup> Apesar de o programa ser ao vivo, naquela época tinha o que chamava de dedo-duro, uma cópia que se tornava obrigatória por determinação do Ministério das Comunicações.

fugido, mas que ele não estava conseguindo entrevistar o comandante porque quarta-feira é dia de física dos oficiais, que o oficial estava jogando uma partida de peteca, mas não deu aquela ênfase jocosa de colocar que o comandante ganhava do vice comandante pela hierarquia... e falou o fato. Eu levei a fita. O comandante assistiu e falou: “é realmente o pessoal aumenta muito, não tem nada demais”. (FRIAS, 2012)

Outra característica à qual se pode atribuir o sucesso do programa, segundo Frias (2012) é a apresentação dos fatos em capítulos, visando conquistar audiência. De acordo com ele, “todo fato tinha princípio, meio e fim. Isso foi ensinado ao Bejani pelo Hélio Tys para que ele trabalhasse dessa maneira. (...) Era como se fosse contar uma historinha” (FRIAS, 2012).

Eu gostava muito de fazer esse tipo de reportagem, novelas, reportagens em capítulos. Hoje, eu entrevistava a mulher que estava doente e não conseguia medicamento, não conseguia médico. Amanhã, eu entrevistava o hospital [para saber] por que não atendeu. Depois de amanhã, entrevistava o prefeito [questionando] por que não tomou providência. E ia assim (...) e isso prendia muito a audiência. Fomos líder de Ibope durante muito tempo aqui em Juiz de Fora. (BEJANI, 2012)

A linguagem utilizada pelo radialista também foi um traço relevante do Comando 730. Para Bejani (2012), além de adotar linguagem simples, a diversidade das entrevistas feitas em um curto espaço de tempo exigia que o comunicador se fizesse compreensível diante de diferentes camadas sociais e culturais.

Primeiro você precisa falar a língua do povo. Não adianta você falar *stand by* que ele não vai entender. Se você falar pra guardar, ele vai entender. (...) A própria convivência nesse meio – uma hora você está entrevistando uma pessoa que trabalha como servente de pedreiro. (...) Daqui a pouco você está entrevistando um engenheiro, que tem curso superior. Daqui a pouco você volta entrevistando um motorista de ônibus, que não tem. (...) Isso fez a mim ser um portador da facilidade de comunicação. Eu falava de um jeito que eu me fazia entender tanto na classe pequena, como na classe média e na classe A. (BEJANI, 2012)

Este conjunto de fatores representa, para Frias (2012) a fórmula do sucesso do Comando 730. Segundo ele, “em Juiz de Fora, a época áurea do rádio foi o Comando 730. Por causa do formato. Mas o Bejani foi o melhor apresentador do programa em Juiz de Fora? Foi, sem dúvida. Destemido, tinha uma linguagem fácil, inteligente” (FRIAS, 2012).

Ao longo do tempo de Comando, Bejani foi, cada vez mais, se aproximando da população. Segundo Frias (2012), ele se tornou “defensor dos fracos e oprimidos. Mas ele

também não fez conscientemente, não. Ele fez porque a característica do Comando era essa. [...] Não houve criação por parte dele”.

O sucesso do apresentador e do programa se refletiram, também, dentro da emissora devido ao significativo número de comerciais que Bejani, segundo Coelho (2012), atraiu para a Nova Cidade. Por conta disso, “o pessoal da rádio dava muita colher de chá pra ele” (COELHO, 2012).

A identificação dos ouvintes com Bejani pôde ser notada no dia de seu primeiro casamento. Segundo ele, “lotou a Catedral. Eu ganhei presentes, muitos presentes. Os taxistas se reuniram, me deram televisão... Enfim: isso tudo era parte do rádio” (BEJANI, 2012).

Segundo Coelho (2012), pelo fato de os taxistas andarem sempre sintonizados na Rádio Nova Cidade, a relação entre eles e Bejani era próxima. “Ele tinha uma ligação muito grande com os taxistas porque, como tinha muita audiência na rádio, ele ia tomar café com os taxistas, fazia aquele meio de campo. Ele tinha uma amizade muito grande com o pessoal dos táxis” (COELHO, 2012).

De acordo com Coelho (2012), moradores de um bairro próximo ao Monte Castelo comemoraram, certa vez, o aniversário de Bejani. Segundo ele, “ele entrava nas casas, ia lá, visitava, se tinha problema ele tentava ajudar. Foi se popularizando e chegou aonde chegou” (COELHO, 2012). A partir daí, o caminho do radialista que, à frente do Comando 730, defendia os direitos da população ingressa no rumo da política, o que mais tarde traria uma grande surpresa para a cidade.

### 3.3 A POLÍTICA

Segundo Bejani (2012), com significativos índices de audiência e estando cada vez mais próximo do povo, ele teve o interesse de entrar para a política. De acordo com o radialista, sua candidatura, que a princípio seria ao cargo de vereador, foi uma ideia da própria população.

O pessoal que eu visitava nos bairros, um grupo do Linhares, falava assim: “você tem que ser nosso vereador”. Eu falava: “ah! não vou mexer com isso, não”. Passou 1987. Quando entrou em 88, que era o não da eleição, você tinha até Maio pra decidir. (...) Eu comecei a escutar as pessoas falando “ninguém é prefeito”. Eu falei “oh, você sabe de uma coisa? Eu não vou perder nada. Eu sou pobre. Se eu perder a eleição, eu continuo pobre. Ficou a mesma coisa. Eu vou dar trabalho para esses caras (BEJANI, 2012).

Segundo Frias (2012), ao presenciar a chegada de Bejani para a cobertura de um acidente na Curva da Miséria<sup>13</sup>, o contato com a população tornou clara a possibilidade de que Bejani se elegeesse como vereador. “Quando eu parei o carro e o Bejani desceu, eu ouvi o povo: “o Bejani chegou, o Bejani chegou!”. Nesse momento, eu botei a mão no ombro dele e falei: “Bejani, você hoje é um cara famoso. Você vai ser o vereador mais votado da cidade de Juiz de Fora” (FRIAS, 2012).

Coelho (2012) também confirma a intenção que Bejani possuía de entrar para a política. “Ele falava comigo que queria ser candidato a vereador pra poder ajudar o povo, que ia ter mais facilidade. Com isso, ele foi conquistando [a população] e, realmente, ele resolvia muita coisa” (COELHO, 2012).

Entretanto, ao decidir se candidatar a prefeito no pleito de 1988, Bejani surpreendeu aqueles que aguardavam a sua candidatura à Câmara Municipal. “Um dia eu encontrei com ele e ele disse: “sou candidato a prefeito”. E eu falei pra ele: “você está deixando de ser o vereador mais votado da história de Juiz de Fora pra ser candidato a prefeito derrotado” porque eu não acreditava na vitória dele (FRIAS, 2012).

---

<sup>13</sup> Curva situada no final da Rua Bernardo Mascarenhas, zona Leste de Juiz de Fora.

Os grandes partidos da cidade também não acreditaram na candidatura do radialista. Depois de fazer consulta ao TRE e descobrir que o partido ao qual estava filiado, o Partido Democrata Cristão (PDC), tivera o seu pedido de registro indeferido, Bejani se filiou no Partido da Juventude (PJ).

Depois disso, as gozações só aumentaram, e o meu nome passou a ser objeto de brincadeiras nos principais pontos do centro da cidade. Muitos diziam que eu estava doido, por enfrentar as elites, as forças políticas tradicionais, sem dinheiro, sem partido e sem o mínimo de organização de campanha. (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.46)

O próprio radialista, em primeira instância, endossava o grupo daqueles que não acreditavam em sua vitória nas urnas. Entretanto,

Quando faltava uns 15 dias [para as eleições], aí já era outra conversa. (...) No meu comício era eu um sanfoneiro cego e lotava! “Ninguém está vindo aqui pra ver o sanfoneiro. Esse povo está aqui pra me ver. Não é possível que esse povo vem aqui pra ver o sanfoneiro cego tocar”. (...) Quando chegou na antevéspera das eleições que eu fiz um comício no Largo do Riachuelo, entupiu a [Avenida] Rio Branco, fechou a [Avenida] Rio Branco. Falei: “gente! Eu ganhei!” (BEJANI, 2012).

Desprovido de recursos financeiros para a campanha eleitoral, Bejani procurou um amigo sanfoneiro e outro, proprietário de um ônibus velho, para pedir ajuda. “Com esses dois amigos e um aparelho de som velho, dos mais vagabundos, lançamos o ‘Forró da Perereca’, uma engraçada mistura de show e comício, e começamos a visitar os bairros da periferia todas as noites” (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.47).

Nos comícios, o candidato pedia para que a população juntasse jornal velho para que ele pudesse pintar o seu nome e o seu número com pincel atômico e colar nos outdoors da cidade.

As dificuldades de campanha também se refletiram no programa televisivo do horário de propaganda eleitoral gratuita. Pela legislação, Bejani poderia utilizar 2 minutos, mas quando chegou ao estúdio foi informado de que teria somente 1 minuto e 27 segundos de programa.

Eu comecei a usar uma tática na televisão. Eu começava e não terminava: “Hoje eu quero falar algumas verdades para vocês” e acabava o meu tempo, claro. E entrava o

PMDB, com o Murílio Hingel. (...) E o povo começou a entender que eles não me deixavam falar. Aí o juiz, Dr. Flávio, mandou me tirar do ar um dia. Dois dias. Eu adorei, porque eu não tinha dinheiro pra gravar mesmo. Quando eu voltei, eu falei: “Tá vendo? Eu não posso nem querer falar a verdade, até o juiz me tira do ar”. Aí virei vítima mesmo. Aí eu comecei a sentir que ia ganhar a eleição (BEJANI, 2012).

Bejani também incluiu a religiosidade em sua campanha, através da Nossa Senhora de Rosa Mística<sup>14</sup>. Ele, na época, atribuiu à santa a sua vitória no pleito eleitoral. “Foi uma inspiração divina, mandando que alguém olhasse pelos mais humildes. E acho que devo buscar também explicação nas raízes de minha própria existência como criança sofrida” (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.48). Apesar disso, para o radialista, que hoje é pastor evangélico, esta “contribuição” religiosa em sua campanha “foi um grande erro<sup>15</sup>” (BEJANI, 2012).

Ao final da campanha, o candidato se dizia convencido de sua vitória nas urnas.

Afinal, encerrava a campanha sem gastar nada e a força que unia o povo era simplesmente uma proposta séria, um compromisso sagrado. Só a grande força das ideias, bem conduzida, pode mudar o destino dos que não têm voz e que não têm vez. E foi nesta mensagem, tenho certeza, que o povo acreditou. (BEJANI apud GUERRA, 1991, p.52)

Em 1988, Bejani venceu as eleições<sup>16</sup>, que ainda tinham apenas turno único<sup>17</sup>, para a prefeitura de Juiz de Fora, com 33,8% dos votos válidos, o que representava 58.248 votos, e deixava para trás candidatos com significativa experiência na vida pública, como, Murílio Hingel<sup>18</sup>, que obteve a segunda colocação, e Mello Reis, ex-prefeito da cidade.

Além de sua vitória para prefeito, Bejani levou o Partido da Juventude a eleger quatro vereadores, o que incluiu sua esposa, na época, Márcia Bejani, que foi a vereadora mais votada de Juiz de Fora em 1988.

---

<sup>14</sup> Nome atribuído a Maria, quando sua aparição foi caracterizada pela presença de três rosas no peito.

<sup>15</sup> É importante ressaltar que, para os evangélicos, não existe a crenças em santos.

<sup>16</sup> Resultado das eleições municipais em 1988, com a participação de 213.528 eleitores: Bejani (PJ) eleito – 58.248 votos – 33,8%; Hingel (PMDB) – 39.946 – 23,2%; Custódio (PSDB/PDT) – 33.113 – 19,2%; Mello (PDS/PDC/PSC) – 28.104 – 16,3%; Jorge Lima (PT) – 4.747 – 2,75%; José de Castro (PTB) – 4.091 – 2,4%; José Luiz Guedes (PSB/PCB/PCdoB) – 3.897 – 2,3%. (Fonte: TRE-MG)

<sup>17</sup> Naquela época, o pleito era decidido em um turno, sem possibilidade de uma segunda rodada de votos. Atualmente, a decisão em turno único também é possível, desde que o candidato vencedor apresente 50% mais um dos votos válidos.

<sup>18</sup> Natural de Petrópolis (RJ), graduou-se em Geografia e História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. De 1967 a 1973, foi Secretário de Educação e Cultura em Juiz de Fora e Ministro da Educação, de 1992 a 1995, no governo Itamar Franco. Além disso, foi Secretário de Educação de Minas Gerais de 1999 a 2002.

O período de campanha coincidiu com o tempo em que Bejani esteve à frente do Comando 730, embora pouco antes das eleições ele tenha sido demitido da Rádio Nova Cidade.

Quando faltava um mês, um mês e pouco para as eleições, a rádio já não era do Josino [Aragão] mais. A rádio era do Beto Lavinias. (...) Ele trabalhava [na política] para o Mello Reis. Ele falou assim: “Bejani, ou você sai da campanha – você não vai ganhar mesmo – ou eu vou te mandar embora, que a gente tá com o Mello Reis”. Aí já começou a mudar a cara da rádio (BEJANI, 2012).

Ainda neste mesmo ano de 1988, segundo Frias (2012), o Comando 730 e a Rádio Nova Cidade entraram em decadência devido “à falta de administração e à falta de conhecimento do meio”. Desta maneira, o programa e a emissora chegaram ao fim e Bejani, a partir daí, seguiu na carreira política.

#### 4 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Embora não seja possível afirmar que Carlos Alberto Bejani, intencionalmente, preparava a população para a sua candidatura em 1988 é impossível não detectar que, ainda que talvez nem ele próprio soubesse disso, o Comando 730 foi, efetivamente, palco de sua campanha política. De maneira direta, o último ano em que ele esteve à frente do programa coincidiu com parte de seu trabalho eleitoral.

Por conta disso, torna-se necessário avaliar a relação entre comunicação e política, considerando a possível influência que o Comando 730 pode ter tido na vitória de Bejani para prefeito de Juiz de Fora.

Nas democracias contemporâneas, ficar em destaque na mídia está diretamente relacionado com o desempenho nos pleitos eleitorais. Conseguir transmitir uma imagem positiva e reconstruir os significados das notícias encaminhadas aos eleitores parecem ser elementos cruciais nas disputas políticas.

Nesse sentido, Brinati (2010) considera que as escolhas eleitorais são influenciadas pelos veículos de comunicação de massa, ainda que parcialmente. Para ele,

A comunicação, então, deixa de ser entendida como mero instrumento, e passar a ser entendida como ambiente de ação. Configura-se como a principal arena na qual se travam as discussões sobre os temas tidos como relevantes – e, acaba por ocupar, também, papel importante nos processos de construção de significados sobre a realidade. Enquanto geradora de discursos que trazem consigo determinadas representações do real marcadas pela apresentação de enfoques específicos, dentre muitos outros possíveis, a mídia interfere nas relações sociais. (BRINATI, 2010, p.11)

Em função disso, a preocupação em analisar a influência da comunicação social, mais especificamente do rádio, em uma disputa eleitoral, é fruto da percepção de que, com frequência, políticos também usam deste meio para propagarem suas ideias, ainda que não seja, exclusivamente, em época de campanha eleitoral.

Outro fator importante a ser considerado na política atual é a personalização, isto é a tendência de o eleitor escolher seus representantes em função da imagem que os candidatos procuram construir de si mesmos e não necessariamente em virtude de um programa de governo ou ideologia do partido. Segundo Schwartzberg (1977),

É o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, em “Estado espetáculo”. De uma forma sistemática e organizada. Para melhor divertir e iludir o público de cidadãos. Para melhor distrair e desviar. E mais facilmente transformar a esfera política em cena lúdica, em teatro de ilusão. (SCHWARTZENBERG, 1977, p.9)

Dessa forma, Aldé (2001, p.6) avalia que “os meios de comunicação (...) são considerados, por parte significativa dos que os consomem, fonte importante de referências a partir das quais organizam o mundo da política”. Neste universo, por suas particularidades, o rádio exerce sua influência sobre o eleitorado.

#### 4.1 O RÁDIO NA POLÍTICA

Desde a década de 1930, em que Getúlio Vargas vislumbrou o rádio como um instrumento para se fazer política, o rádio, de fato, auxiliou, ao longo da história, os candidatos a se aproximarem da população e ocuparem, posteriormente, cargos públicos conquistados com o seu voto.

Segundo Moreira (2006), o uso do rádio na política no Brasil se inicia na Revolução Constitucionalista de 1932, através da Rádio Record. Ainda segundo a autora, a relação entre o rádio e a política tem continuidade com o uso do canal como meio de comunicação do Estado através da criação do programa Hora do Brasil<sup>19</sup>, em 1938 e com a utilização da Rádio Nacional do Rio de Janeiro como instrumento do regime, no ano de 1940.

Tudo isso aconteceu na Era Vargas, momento em que se criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), comandado a partir de 1934, quando o DIP ainda era

---

<sup>19</sup> Programa de rádio do Governo, hoje denominado A Voz do Brasil.

denominado Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) por Lourival Fontes. Foi, também, no governo de Vargas que as primeiras leis do rádio foram criadas.

Naquela época, Fontes já percebia que “o rádio chega até onde não chegam as escolas e a imprensa, isto é: aos pontos mais longínquos do país e, até, à compreensão do analfabeto” (FONTES apud SAROLDI e MOREIRA, p.13, 1988).

Ciaccia e Manhanelli confirmam que é através do rádio que se procura atingir a parcela menos favorecida da população, uma vez que esse veículo de comunicação trabalha com a emoção e “se deixa ver por dentro”, o que pode torná-lo, para os autores, o alvo favorito dos corruptores.

Além disso, McLuhan (1977), ao definir o rádio como um meio quente<sup>20</sup> acrescenta outras características que poderiam favorecer a relação entre política e comunicação. Segundo ele, o rádio desenvolve a audição e as faculdades humanas, já que é uma extensão do sistema nervoso central.

Como acrescenta Del Bianco (2005, p.2) “o rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente que propicia às pessoas um mundo particular em meio às multidões. (...) Por essa característica, altera os índices de sensibilidade ou modos de percepção de quem transita em ambientes moldados por ele”.

Em todo mundo, há exemplos de utilização do rádio com finalidade política. Tanto Franklin Roosevelt<sup>21</sup>, nos Estados Unidos, quanto Adolf Hitler<sup>22</sup>, na Alemanha, e Charles de Gaulle<sup>23</sup>, na França, podem ser citados quando se trata da transmissão de ideologia

---

<sup>20</sup> Para McLuhan (1977), aquele que prolonga um único sentido em alta definição, ou seja, com significativa saturação de dados. Além disso, os meios quentes não deixam muitas informações para serem completadas pela audiência.

<sup>21</sup> Presidente dos Estados Unidos de 1933 a 1945. Ainda era governador de Nova York quando utilizava o rádio como instrumento para conquistar a opinião pública, prática que se intensificou enquanto ele estava na presidência.

<sup>22</sup> Ditador alemão que liderou o país de 1934 a 1945, enquanto ocorria a II Guerra Mundial. Investiu na radiodifusão para domínio da população, possibilitando o desenvolvimento do receptor VE301, uma espécie de “alto-falante” de válvulas.

<sup>23</sup> Ainda antes de a França declarar o fim à resistência à ocupação alemã, em 1940, De Gaulle, já fazia discursos no rádio e ficou conhecido como “chefe da França livre”. Em 1958, fundou a Quinta República Francesa de 1959 a 1969.

pelas ondas do rádio. No Brasil, além do presidente Getúlio Vargas<sup>24</sup>, que utilizou amplamente esse meio de comunicação em seu governo, é comum nomes do rádio entrarem para a política, como aconteceu com Sandes Júnior<sup>25</sup>, Anthony Garotinho<sup>26</sup> e em Juiz de Fora, Carlos Alberto Bejani, que ganhou as eleições para a Prefeitura da cidade em duas ocasiões.

As particularidades do programa “Comando 730”, apresentado por Bejani na rádio Nova Cidade, somado à campanha política para as eleições municipais de 1988 – e sua vitória – são incentivo para pesquisar como o rádio pode afetar a população, transformando comunicadores, que muitas vezes não tinham nenhum compromisso com partidos políticos até então, em verdadeiros fenômenos eleitorais.

Se o investimento em tecnologia e o aumento dos fluxos globais redefinem os papéis dos atores sociais e, de certa maneira, fortalecem a mídia, os que estão distantes dela ficam em condição de marginalidade política. O rádio, nesse contexto, dá visibilidade e facilita o ingresso de seus profissionais na vida pública.

Para Schwartzberg (1977, p.179), o rádio constitui instrumento de repersonalização do poder, já que “para além do critério racional, pode despertar sentimentos de atração ou repulsão, simpatia ou antipatia, através de contato direto – ainda que ilusório – que se estabelece entre o líder e o ouvinte”.

Além disso, para o autor, ao se dirigir mais à sensibilidade do ouvinte, a intervenção puramente oral está sujeita a oferecer um conteúdo mais pobre ao cidadão.

Entretanto, Schwartzberg (1977) ressalta:

---

<sup>24</sup> Governou o Brasil de 1930 a 1934 como chefe do Governo Provisório. Depois, foi presidente da República do Governo Constitucional, de 1934 a 1937, e continuou no poder até 1945, enquanto durou o Estado Novo. De 1951 a 1954, foi presidente do país eleito por voto direto.

<sup>25</sup> Deputado Federal pelo PP de Goiânia, comando o programa Sandes Júnior, na Goiânia FM, definido pelo radialista como difusor das “mais surpreendentes verdades do dia a dia, muita emoção com os detalhes da minha vida, horóscopo, o resumo das novelas e as últimas informações do seu artista preferido”.

<sup>26</sup> Natural da cidade de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, foi prefeito da cidade de Campos (RJ) por dois mandatos e governador deste mesmo estado, vitorioso nas eleições de 1998. Além disso, Garotinho disputou as eleições presidenciais de 2002, obtendo a terceira colocação. Em 2010, foi eleito deputado federal também pelo Rio de Janeiro. Garotinho trabalhou na Rádio Nacional e na Rádio Tupi AM. Depois de ingressar na política, continuou como radialista na Rádio Melodia, de cunho político e religioso.

Não nos esqueçamos, entretanto, que o rádio estabelece uma relação pessoal entre o líder e o ouvinte. Abre, portanto, um novo campo à personalização da política. Ainda que o ouvinte não tenha a sensação de estar ouvindo a “voz do dono” – caso das ditaduras – domina-o a impressão de que sua existência transcorre familiarmente ligada à do ou dos líderes, cujas pessoas vão se tornando melhor conhecidas que seus programas. Aliás, não constitui a voz um dos primeiros critérios em que se esteia a reação de simpatia ou, pelo contrário, de antipatia, diante de um desconhecido? (SCHWARTZENBERG, 1977, p.181)

Arcine e Passeti (2010) vêm corroborar a teoria da personalização da política.

Para eles, os eleitores fazem suas escolhas mais pela imagem do candidato do que pelos programas de governo. Segundo os autores,

o eleitorado tende a escolher um candidato de acordo com a imagem que mais se identificam e isso se justifica no fato de que os políticos possuem inúmeras estratégias [...]. Esses candidatos se comportam/atuem de acordo com os desejos da população e é através disso que constroem seus discursos. É nesse momento que é possível observar se determinado político está enfatizando os valores de suas ideias ou o valor de sua plataforma política, se está atacando a oposição ou defendendo sua campanha e se reconhece o valor do cidadão e de suas necessidades. (ARCINE e PASSETI, 2010, p.4)

Neste sentido, Schwartzenberg (1977, p.9) criou uma tipologia para classificar políticos e líderes, já que, para ele, “a política, outrora, eram ideias. Hoje, são pessoas. Ou melhor, as personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo”. Assim, mais do que projetos para o governo, novas preocupações surgem no universo da política.

## 4.2 A POLÍTICA ESPETÁCULO

Partindo da teoria de Schwartzenberg (1977), a maior preocupação daqueles que se inserem em disputas eleitorais é com a imagem a ser passada para a opinião pública. Assim, o político seleciona (ou cria) os traços de sua personalidade que ele deseja submeter à opinião pública.

Para Schwartzenberg (1977, p.9), “a imagem faz conhecer ou reconhecer. Ela cria ou consolida a notoriedade ao servir de símbolo visível e tangível. Quando

suficientemente caracterizada e individualizada, capta o interesse do público. O perfil, suficientemente trabalhado, prende sua atenção”. O autor ainda acrescenta que a imagem exerce, também, a função de rótulo, indicando características reais ou supostas dos produtos políticos.

É relevante ressaltar, mais uma vez, que embora Bejani pudesse não ter, como ele próprio afirmou, inicialmente, intenção de se candidatar a vereador ou a prefeito e utilizar o Comando 730 como palco de sua campanha, as características que ele assumiu no programa foram criando para ele uma personagem de sucesso.

Como afirma Moreira (2006), os radialistas

têm um personagem que é aquele que fala com o público por meio de um programa de rádio. Esse programa de rádio pode ser do tipo policialesco, pode ser entrevistas, pode ser voltado para donas de casa, o importante é que o radialista se apropria disso que ele constrói na imaginação dos ouvintes e depois é que ele cria no rádio, é a imagem que ele tenta passar para o eleitor, o ouvinte dele agora eleitor. (2006, p.9)

Schwartzberg (1977, p.14) defende que, depois de encarnar um papel, “o político deve, portanto, concordar em desempenhar de maneira duradoura a personagem (...). Precisa aceitar ajustar-se à imagem de si mesmo divulgada pela propaganda. Assim vive ele, aprisionado em um papel determinado, como um ator, e escravo de seu próprio mito”.

Desta maneira, os líderes políticos podem assumir quatro papéis principais, segundo Schwartzberg (1977). O primeiro deles, o “herói”

é o homem excepcional, fadado ao triunfo, e depois à apoteose. O homem das façanhas, do entusiasmo e da glória. Em suma: o ídolo, proposto ao culto dos mortais. É o salvador, quase messias. O chefe providencial, chefe genial, médium do espírito nacional. É o profeta de sua raça. Sempre imerso no solene, no sublime, na ênfase. (SCHWARTZENBERG, 1977, p.19)

Dentro desta teoria, o herói teria três responsabilidades: fazer o espetáculo, proporcionar o sonho e conferir a certeza. De acordo com Schwartzberg (1977, p.23), “ele ajuda a vencer a angústia, a incerteza dos períodos difíceis e de mudanças. Atrás de seu guia, o povo se sente seguro. Porque o herói não pode errar. Ele sempre enxerga mais longe, mais claro e mais certo”.

Além disso, para o autor, o herói participa do processo de autodeificação, em que completa ou substitui a religião corrente. “O herói toma o lugar de Deus. Torna-se seu substituto funcional, fornecendo aos fiéis o mesmo serviço: segurança, certeza, tranquilidade. Já que o poder não pode dispensar o sagrado, o poder será o sagrado” (SCHWARTZENBERG, 1977, p.36).

Por se tornar uma imagem mítica, a distância que ele toma da população representa, para Schwartzberg (1977), um modo de imposição, aumentando ainda mais o seu prestígio. Desta maneira, fetichismo e idolatria tornam-se reais.

Apesar de seu entusiasmo e de suas façanhas, ao interpretar o papel de “herói”, o político pode se esquecer de quem realmente é, por estar em constante representação. “O herói morre, ao contrário, em pleno drama, cercado de soluços e de desesperos. Seus grandiosos funerais – cuja organização foi, com frequência, determinada por ele próprio – constituem sua última representação. Teatral, melodramática” (SCHWARTZENBERG, 1977, p.40).

Além do herói, Schwartzberg (1977) conceitua o “igual a todo mundo”, que busca se aproximar do eleitorado pela identificação. “Nele, tudo é banal, comum, convencional. Nada que o distinga. É apenas *one of us*, puro reflexo de nossas próprias pessoas, o presidente-espelho. Como se o eleitorado o houvesse criado à sua própria imagem” (1977, p.51).

De acordo com Schwartzberg (1977), este personagem se torna reflexo das próprias pessoas, permitindo plena identificação. Para o autor, ele mostra para a população que qualquer pessoa simples pode se tornar “vitoriosa”.

Apesar do bom senso, comedimento e aplicação, que, para Schwartzberg (1977), constituem significativas características do igual a todo mundo,

o homem comum – realmente comum – acaba cansando também, já que não pode servir de sustentáculo para as projeções. Identificando-se com ele, o cidadão médio não consegue elevar-se. Um é igual ao outro, realmente igual. Ele não o faz sonhar;

pelo contrário: essa anti-*star* provoca tédio. Com seu prosaísmo e seu “perfil baixo”. Com sua monotonia. (1977, p. 69)

O autor ainda descreve o “líder charmoso”, que utiliza a política como arte de sedução. Segundo Schwartzberg (1977), seus principais objetivos são surpreender, cativar e agradar a opinião pública.

Swartzenberg (1977) define o líder charmoso como uma pessoa diplomada, preocupada com a aparência, que leva a vida que todos sonham, mas não alcançam. Nessa perspectiva, a população transfere para o líder desejos que não são capazes de realizar.

Não basta apenas a simpatia para que entrem em ação a valorização por pessoa interposta e a projeção-identificação. O governado (ou o espectador) apela para o líder (ou para a estrela) e para ele transfere tudo o que teria desejado fazer, sem o conseguir. Identifica-se com esse líder charmoso. Por seu intermédio, ele “exerce” o poder, “participa” dos grandes debates, e de cúpulas. Tal como “vive”, por estrela interposta, aventuras que nunca há de conhecer. (SCHWARTZENBERG, 1977, p.75)

Por outro lado, cultivando dupla imagem, o líder charmoso também tenta se aproximar da população, possibilitando, além da projeção, a identificação. Para isso, abre mão de um estilo que o autor denomina de “antitribuno” para adotar uma postura descontraída, informal.

Entretanto, Schwartzberg (1977) aponta que o líder charmoso também cansa a população, tornando-se inquietante. Segundo o autor, esta situação se agrava em tempos de crise, quando o povo se volta para uma figura paternal, com mais autoridade e mais tranquilizante, o “Nosso pai”.

O herói acaba cansando, com o passar do tempo. Como seria possível viver continuamente em plena epopeia? Aparece então o homem ordinário, com seu oposto, tão modesto, tão tranquilo. Mas é possível viver sempre mergulhado na banalidade e no tédio? É quando aparece o líder charmoso, que seduz, espanta, mas também inquieta com sua instabilidade. Quem pode viver sempre em meio a trans formações e surpresas? Aí surge o pai. Para tranquilizar com sua ponderação, sua experiência. Sobretudo nos tempos difíceis. (SCHWARTZENBERG, 1977, p.18)

A esta outra tipologia descrita por Schwartzberg (1977) cabe, principalmente, trazer segurança, sabedoria e autoridade. Experiente e abnegado por servir à pátria, o nosso

pai conhece a fundo as coisas e tem a capacidade de solucionar os problemas, consolidando-se como homem de pulso, de firme decisão.

O pai representa a ordem coercitiva, o Estado que domina, rege, subjuga. Acalma as pulsões sem as satisfazer, mas reprimindo-as. É aquele que graças à sua autoridade, bloqueia a expressão da agressividade, silencia o espírito crítico, e talvez o deixe igualmente 'interdito' ao substituir pela sua a expressão da vontade do indivíduo, emudecido. É também aquele que propõe o esforço, a superação dos apetites egoístas, em suma. A sublimação das pulsações não satisfeitas e contidas. (1997, p.97)

Porém, “nesse universo que se faz rapidamente obsoleto, o pai já não dispõe das consequências imprescindíveis para se impor. Inverte-se tudo, então. Ontem, o filho procurava ‘reproduzir’ o pai. Hoje, o pai se empenha com frequência em imitar, a geração jovem. Sem muito êxito” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 99).

Desta maneira, se distanciando do poder, a rotatividade dos personagens é garantida e o ciclo do poder é renovado.

Diante dos levantamentos apontados e de toda a memória construída sobre o Comando 730 e sobre Carlos Alberto Bejani, torna-se necessário refletir como e qual personagem o radialista construiu ao longo do programa e quais as possíveis implicações que ela pode ter trazido para a sua eleição como prefeito de Juiz de Fora em 1988.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentar reconstruir parte da história de Carlos Alberto Bejani no Comando 730 foi um trabalho árduo e intenso, a começar pela escassa bibliografia sobre o programa e sobre a Rádio Nova Cidade. As informações contidas neste trabalho, portanto, são fruto das entrevistas realizadas com Bejani (2012), Coelho (2012) e, principalmente nesta parte, Frias (2012).

A memória da Nova Cidade e, conseqüentemente, do Comando estavam limitadas às lembranças de seus funcionários. Diante desta situação, a história da emissora está diretamente ligada à vida destas pessoas. Desta forma, talvez a Nova Cidade também morresse com o desaparecimento da geração que passou por ela.

Por conta disso, a história da Nova Cidade foi parcialmente reconstruída aqui baseada, em sua maior parte, no depoimento de Frias (2012), que foi um de seus fundadores e sócios e que acompanhou a emissora quase em todos os momentos, desde sua abertura até próximo ao seu fechamento. As entrevistas com Bejani e Coelho (2012) permitiram obter informações sobre o cotidiano do programa e contribuições para a construção da personagem vivida por Bejani no Comando 730.

Localizar as pessoas e encontrá-las abertas para este estudo refletiu o quanto estavam interessadas neste projeto, porque sabiam a importância da emissora, do programa e do radialista Carlos Alberto Bejani, mas, sobretudo, por entenderem a importância da preservação da história – ainda que parcial, embora legítima – que contamos neste trabalho.

Assim, ainda que a pesquisa que apresentamos aqui contribua para o resgate da trajetória da Nova Cidade, é preciso que novos projetos se atentem para as emissoras mais recentes na história do rádio em Juiz de Fora que, assim como a rádio em estudo, fazem parte da memória da cidade.

Também foi possível confirmar que, mais uma vez, na história da política brasileira e, por que não, mundial, o rádio mostra a sua força como um instrumento de efetiva proximidade com a população, sendo capaz de influenciar uma disputa eleitoral em que se apresentava um candidato inexperiente e, como admitido por ele mesmo, sem programa de governo.

Ainda que este estudo não seja definitivo para concluir que a atividade profissional de Carlos Alberto Bejani o conduziu à Prefeitura de Juiz de Fora, é possível afirmar que a trajetória política traçada pelo radialista o aproximou do Poder Executivo Municipal.

Bejani jamais tinha tido qualquer experiência em carreira ou militância política antes de sua vitória, que se tornou ainda mais significativa diante de um cenário de sete candidatos, representantes dos tradicionais setores políticos da cidade. Neste sentido, como foi dito por Bejani (2012), Coelho (2012) e Frias (2012), o Comando 730 teve a sua influência, principalmente no que diz respeito à popularização do candidato. Como confirma Coelho (2012), “não tem dúvida, não. Ele se fez através da rádio. E dali ele criou aquela imagem e foi prefeito”.

A contribuição do Comando para aproximar Bejani da Prefeitura também foi admitida pelo próprio radialista. “Além de eu conhecer os problemas, eu passei a ser conhecido. Todos conheciam o Bejani. Tanto é que eu não tive dificuldade...” (BEJANI, 2012).

É importante ressaltar, novamente, que mesmo que não tenha sido de maneira intencional, o programa comandado por Bejani na Nova Cidade atuou como um elemento significativo da campanha do radialista. Afinal, o Comando 730 representou o palco onde Bejani encontrou para si personagens que o aproximavam da população.

Através do seu programa, com forte caráter assistencialista e de denúncia, Bejani se tornou conhecido e, segundo os depoimentos coletados, tomou para si o lugar de defensor dos direitos do povo, o que o teria legitimado, junto a uma parcela significativa dos eleitores da cidade, a ingressar na carreira política.

O relacionamento de Bejani com a comunidade juizforana, vale acrescentar, se deu de duas maneiras, uma vez que o radialista fez a população tomar conhecimento de uma história de vida simples, mas somou a ele o destemor de quem parecia tentar solucionar problemas da cidade.

Percorrendo os diversos bairros e se relacionando diretamente com diferentes camadas da população, Bejani conquistou a confiança dos juizforanos, que depositaria, no radialista a certeza de sua defesa.

Simultaneamente, a população mais carente se identificava com a sua vida sofrida e com a sua linguagem sem rodeios, o que fez com que o radialista assumisse, majoritariamente, a personagem “herói”, pela tipologia de Schwartzberg (1977), mas levasse consigo traços do “igual a todo mundo”.

O radialista consolidou sua imagem mítica, de salvador da população e defensor de seus direitos ao mesmo tempo em que sua origem simples o aproximava dos juiz-foranos em uma relação de identificação.

O próprio comportamento de Bejani confirma o seu traço de “igual a todo mundo”, já que, segundo os relatos de próprio radialista e de Coelho (2012), ele visitava diversas regiões periféricas da cidade, entrava na casa dos ouvintes ou tomava café da manhã junto com taxistas. Essas atitudes, somadas à parte conhecida de história de vida, intensificariam sua característica de “igual a todo mundo”.

Entretanto, segundo Bejani (2012), a sua busca ao longo dos quatro anos em que esteve à frente do Comando 730, foi por esclarecer questões de abusos do poder público, por

defender o direito da população, por correr atrás do desvendamento de crimes e por consolidar uma imagem de um radialista em que os juiz-foranos pudessem confiar.

A partir desse ponto de vista, ele pode ser considerado, somado ao “igual a todo mundo”, um “herói”, já que tentava defender a população, ainda segundo ele mesmo, contra as irregularidades do serviço público e de causas que os ouvintes pediam que fossem solucionadas.

Tal fato também é mencionado por Coelho (2012), que acredita que Bejani era visto pela população “como um salvador e como uma pessoa igual. Nesse ponto ele tinha muita facilidade de convencer. Ele é muito inteligente”.

Apesar de ser claro o papel que Bejani encontrou para si no Comando 730, para Coelho (2012) e Frias (2012) ele não assumiu as personagens com a intenção de entrar para a política. Para eles, a situação aconteceu de forma contrária: por conta de sua personalidade, Bejani desenvolveu estes papéis, prioritariamente o de herói e, quando percebeu que eles faziam sucesso na cidade, decidiu se candidatar.

Segundo Coelho (2012), no programa da Nova Cidade, Bejani, de fato, “resolvia muitos problemas”. Para o motorista, o radialista, a princípio, tinha a intenção de ajudar a população e sua eleição seria uma maneira de fazê-lo mais efetivamente. “Ele falava assim comigo, que queria ser candidato a vereador pra poder ajudar o povo” (COELHO, 2012).

Assim, ao longo dos quatros anos que esteve à frente do Comando 730, Bejani se tornou o “herói” da população, mas mantendo seus resquícios de “igual a todo mundo”. Conquistando a confiança e o sentimento de identificação da população de Juiz de Fora, Bejani deixou a Rádio Nova Cidade para ingressar no Executivo Municipal, impulsionado, em boa parte, pelos votos de seus ouvintes do Comando 730.

Portanto, no Comando 730, Bejani encontrou para si uma personagem que liderou a audiência na cidade e que se fortaleceu, a cada dia mais, com a população. Se não é possível

afirmar que este personagem fez com que Bejani se elegeisse em 1988, também não é aceitável excluir qualquer contribuição que ele possa ter concedido ao radialista.

Para reafirmar a força de Bejani, na época, sua primeira esposa, Márcia Bejani, foi eleita como a vereadora mais votada da cidade, nas eleições de 1988, mesma ocasião em que ele saiu vitorioso. A entrada de Márcia para a Câmara Municipal confirmou o poder que o radialista tinha junto à população, identificado por ele mesmo desde o dia de seu casamento, em que ouvintes e admiradores compareceram em peso à Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. Márcia Bejani não era comunicadora e também não era política. Seu único trunfo era ser esposa do fenômeno do rádio na cidade.

Através da análise da trajetória de Carlos Alberto Bejani também é importante refletir sobre o talento e o preparo para a comunicação que Bejani possuía, uma vez que não tinha curso superior, nem experiência neste formato de programa. Por conta disso, e, mais uma vez, como relatado por ele e por Frias (2012), o Comando 730 acabou sendo moldado por traços da personalidade do radialista, que podem ter contribuído, naturalmente, para o sucesso do programa.

Assim, não há como negar que a experiência como comunicador de rádio que Bejani vivenciou na Rádio Nova Cidade possibilitou a sua proximidade com a população e a empatia com as camadas mais humildes – principalmente pelo cunho popular de seu programa. Foi a partir daí que se solidificou a relação de identidade do radialista com seus ouvintes, que o transformariam em um personagem popular e, mais tarde, o prefeito eleito de Juiz de Fora em uma eleição disputada contra todas as tradicionais forças políticas da cidade.

Portanto, mais do que reconstruir a memória da Rádio Nova Cidade e de Carlos Alberto Bejani frente ao Comando 730, este trabalho reafirma o poder do rádio diante no imaginário popular e quão significativamente uma personagem se sobrepõe a projetos e vivências na área, possibilitando a eleição de um radialista que soube utilizar o veículo e a

comunicação a favor de seus interesses e se tornou um "herói" para uma parcela da população de Juiz de Fora, apesar de ser considerado também como "um igual" por muitos dos seus eleitores.

## 6 POSFÁCIO

Depois de cumprir o seu primeiro mandato como prefeito de Juiz de Fora pelo Partido da Juventude (PJ) até o ano de 1993, Carlos Alberto Bejani exerceu duas legislaturas consecutivas como Deputado Estadual de Minas Gerais. Na Assembleia Legislativa, Bejani ocupou a bancada do extinto Partido da Frente Liberal (PFL) de 1999 a 2004.

Em outubro de 2004, Bejani venceu a sua segunda eleição para a Prefeitura de Juiz de Fora pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Bejani assumiu o cargo em janeiro de 2005, mas renunciou ao cargo em 16 de junho de 2008.

Envolvido em esquemas de corrupção, Bejani foi preso durante a Operação Pasárgada, da Polícia Federal, em abril de 2008, acusado de desviar recursos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Depois de ter conseguido *habeas corpus*, voltou novamente à prisão por não ter conseguido explicar a origem dos 1,1 milhões de reais encontrados em sua casa juntamente com armas de uso exclusivo das Forças Armadas, documentos e computadores.

No mesmo dia de sua segunda prisão, a revista *Época* divulgou vídeos do então prefeito recebendo sacolas de dinheiro, propina advinda dos donos de concessionárias de transporte público na região.

A Câmara Municipal instalou, na época, uma Comissão Parlamentar de Inquérito e pediu a cassação do prefeito em junho de 2008. Entretanto, Bejani se antecipou e renunciou ao cargo.

Nas eleições municipais de 2012, Bejani se candidatou a vereador, mas teve a candidatura impugnada pela Lei da Ficha Limpa depois de obter 3.902 votos nas urnas.

Ao longo destes anos, Bejani se casou novamente, teve mais dois filhos e hoje, de acordo com ele, se ocupa com as suas empresas de construção civil e de promoções e

publicidade. Além disso, segundo Bejani (2012), ele também gerencia a carreira de cantor sertanejo do filho mais velho.

Bejani abandonou a Rosa Mística juntamente com o catolicismo e hoje se dedica a atuar como pastor evangélico.

Em dezembro de 2012, a Primeira Câmara do Tribunal de Contas do Estado (TCE) determinou que Bejani e seu ex-secretário de comunicação, Hyé Ribeiro, devolvam mais quase R\$166 mil reais aos cofres públicos em virtude de irregularidades com publicidade, que teriam sido, segundo o TCE, promoção pessoal.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo cidadão. **Revista Estudos Históricos**: publicação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, Brasil: v.1, n.31, ago. 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2185/1324>>. Acesso em: 19 de novembro de 2012.

ALDÉ, Alessandra. **“A construção da política”**: Cidadão comum, mídia e atitude política. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2001.

ARCINE, Raquel de Freitas e PASSETI, Maria Célia Cortêz. **A construção do ethos de identificação de José Serra em seu discurso de pré-candidatura para a eleição presidencial brasileira de 2010**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 2., 2010, Cascavel. Disponível em: <[http://cac-  
php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD\\_IISnel/pages/simposios/simposio%2014/A%20CONSTR  
UCAO%20DO%20ETHOS%20DE%20IDENTIFICACAO%20DE%20JOSE%20SERRA%2  
0EM%20SEU%20DISCURSO%20DE%20PRE-  
CANDIDATURA%20PARA%20A%20ELEICAO%20](http://cac-<br/>php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnel/pages/simposios/simposio%2014/A%20CONSTR<br/>UCAO%20DO%20ETHOS%20DE%20IDENTIFICACAO%20DE%20JOSE%20SERRA%2<br/>0EM%20SEU%20DISCURSO%20DE%20PRE-<br/>CANDIDATURA%20PARA%20A%20ELEICAO%20)>. Acesso em: 26 de setembro de 2012.

BARA, Sérgio; PEQUENO, Isabel. **Os anos dourados do rádio em Juiz de Fora**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1991.

BEJANI, Carlos Alberto. **Carlos Alberto Bejani**: depoimento [mar. 2012]. Entrevistadora: N. Salles. Juiz de Fora: UFJF, 2012, 40 minutos em arquivo digital. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso para grau de Bacharel em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

BELCAVELLO, Frederico. **A TV Industrial de Juiz de Fora**: Memórias da juizdeforaneidade (1964-1979). Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

BRINATI, Francisco. **Jornalismo Político e identificação eleitoral**: a construção da imagem de Carlos Alberto Bejani pelos jornais impresso de Juiz de Fora – MG. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CIACCIA, Fábio; MANHANELLI, Carlos. **A história do rádio na política brasileira**. Disponível em:

<[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A\\_hist%C3%B3ria\\_do\\_r%C3%A1dio\\_na\\_pol%C3%ADtica\\_brasileira](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_hist%C3%B3ria_do_r%C3%A1dio_na_pol%C3%ADtica_brasileira)>. Acesso em: 26 de novembro de 2012.

CIRIBELLI, Ana Paula. **Deus no Céu, o Rádio na Terra**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1991.

COELHO, João de Souza. **João de Souza Coelho**: depoimento [jun. 2012]. Entrevistadora: N. Salles. Juiz de Fora: UFJF, 2012, 30 minutos em arquivo digital. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso para grau de Bacharel em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

DEL BIANCO, Nelia. **O tambor tribal de McLuhan**. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/96566836861630357504148238197101726066.pdf>>. Acesso em 27 de dezembro de 2012.

FRIAS, Domingos. **Domingos Frias**: depoimento [dez. 2012]. Entrevistadora: N. Salles. Juiz de Fora: UFJF, 2012, 62 minutos em arquivo digital. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso para grau de Bacharel em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

GUERRA, João. **Frente à frente com Bejani**. Belo Horizonte: Armazém de ideias, 1991.

KASEKER, Mônica Panis. **O desempenho eleitoral de radialistas políticos nas eleições proporcionais de 2002 no Paraná**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em:

<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/SOCIOLOGIA/1radialistaseleicoes.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/SOCIOLOGIA/1radialistaseleicoes.pdf)>. Acesso em: 24 de setembro de 2012.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação com Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1977.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O uso político do rádio**. Palestra proferida no Estúdio Sinfônico da Rádio MEC, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2006.

PASSINI, Janine Marques. **A política espetáculo e os ouvintes**: artifícios para conquistar a opinião pública. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/89/GT5Texto008.pdf>>. Acesso em: 26 de novembro de 2012.

LINS, Flávio. **A mídia como ponte entre o céu e o inferno na política:** ascensão e queda midiática do prefeito Alberto Bejani (Juiz de Fora). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0776-1.pdf>>. Acesso em: 24 de setembro de 2012.

LINS, Flávio; BRANDÃO, Cristina. **Cariocas do Brejo entrando no ar:** O rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional:** o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte, 1988.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo.** São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

**8 APÊNDICE**

## APÊNCIDE A: ENTREVISTA COM CARLOS ALBERTO BEJANI<sup>27</sup>

### **Como você iniciou a sua carreira no rádio?**

Na verdade, eu entrei no rádio em 1971. Tinha 21 anos de idade, na antiga Rádio Industrial. Logo depois, a rádio foi vendida para a Rede Capital de Comunicação, uma rádio grandiosa, a sede era São Paulo e ela entrava em todo o Brasil. Nós fazíamos o jornal às sete da manhã, chamava-se “360°”. Imagina, naquela época, por telefone, São Paulo chamava Porto Alegre, Porto Alegre chamava Mato Grosso, é Cuiabá, Cuiabá chamava Belo Horizonte, Belo Horizonte chamava Juiz de Fora. Tudo entrando ao vivo, porque não tínhamos a facilidade de hoje via satélite. Era tudo ao vivo mesmo via, linha telefônica. Eu comecei a trabalhar com pessoas até que já partiram, tipo José Carlos Lery Guimarães, tipo Geraldo Magela Tavares que está aí ainda entre nós – graças a Deus –, tipo Otto Alves Ribeiro, Wilson Amin, que já partiu, Adair Mendes, que já partiu, Tônia Martins, também já partiu... Enfim, é uma quantidade grande de pessoal envolvido no jornalismo e isso nós levamos durante muito tempo na rádio Industrial que virou Rádio Capital.

### **Por que você veio para Juiz de Fora? Porque você nasceu em São Gonçalo...**

É, eu cheguei aqui com quatro anos de idade. A minha família é circense, eu cheguei em Juiz de Fora na carroceria de um caminhão de um circo. Tinha quatro anos. Meu pai tinha falecido e minha mãe tinha voltado para o circo. O circo estava fazendo uma turnê por Minas, saiu do Rio e estava fazendo uma turnê por Minas. Chegou em Juiz de Fora. E aqui ela [a mãe] conheceu um pedreiro, nome de Dedé, Geraldo Sebastião Ferreira, que eu até chamava-o de pai. Também já faleceu. E ela ficou em ele, casou com ele, o circo foi embora e eu fiquei aqui com quatro anos de idade. Então, na verdade, eu me sinto juiz-forano, né? Porque hoje eu estou com 61 anos, quer dizer, tem 57 anos que eu moro em Juiz de Fora. Então eu me sinto em Juiz de Fora, de Juiz de Fora, juiz-forano.

### **Como foi a sua vida antes de você começar a trabalhar no rádio?**

Ah, foi uma luta, né? Eu comecei primeiro no Bar Acadêmico, na Batista de Oliveira, lavando copo. Com 14 anos, eu tive a minha primeira carteira assinada, carteira de menor [sic]. Do Bar Acadêmico eu fui pra Sapataria 13 de Maio, que existe até hoje, lá na Batista, no Largo 13 de Maio, ali na Getúlio Vargas. Dali eu fui servir o Exército, no 10º Regimento de Infantaria. Quando eu voltei do Exército, eu continuei na sapataria 13 de maio e fui trabalhar no Delmonte, Delmonte 2001. Dali que eu entrei na rádio.

### **Por que você entrou?**

Gostei. A sapataria 13 de Maio, na [Rua] Marechal Deodoro, a Rádio Industrial era em frente ao [Cine-Theatro] Central, era aquele prédio antigo ali, que era a Rádio Industrial. Na hora do almoço eu ia para ali, encontrava com o pessoal, Wilson Amin, Adair Mendes, Antônio Martins, José Carlos Lery Guimarães, é, esse povo todo de rádio. Eu ficava conversando e aquilo começou a me fascinar, porque minha raiz é artística, né? O palhaço Carequinha é irmão da minha mãe, a Elizabeth Savala é minha prima. Então, tinha no fundo uma raiz artística. Eu cheguei aqui num circo, né? Então isso tudo levou para ser atraído. O jornalismo no rádio AM, naquele época, e até hoje no rádio, naquela época, principalmente, você não tinha áreas específicas. Hoje, você tem jornalista de política, jornalista de economia, jornalista é, da área de cidade, não é? Naquela época não. Ao mesmo tempo em que você estava cobrindo um assassinato, vamos falar assim, dali a meia hora você tinha que entrevistar o prefeito da cidade ou o governador de Minas. De repente tinha um esgoto entupido lá em cima

<sup>27</sup> Realizada em março de 2012.

do alto do morro, você tinha que ir pra lá entrevistar. Então, na verdade, você era bastante eclético. E, com isso, é, me deu sustentação para entender o que o povo de Juiz de Fora queria. Me deu uma visão global da necessidade do desenvolvimento na área econômica, como saneamento básico, como na área social, creches, colégios, professores mais bem, é, melhores, é, doutrinados, salário digno ou perto do digno pra que eles possam trabalhar sem estarem preocupados que o aluguel vai vencer, que o cheque vai voltar. Então, tudo isso veio clarear esse trabalho de jornalismo.

### **Foi sua a ideia de fazer o Comando 730?**

Não. O Comando 730 foi criado pelo Domingos Frias, quando Josino Aragão comprou a rádio do Mello Reis. Aí criou-se o primeiro carro de reportagem ao vivo, na rua: o Comando 730. Eu fui esse, eu fui pra rua. E aí era aquele problema. Porque eu seis e meia da manhã estava na porta do INPS, antigo INPS, cobrando que os médicos chegassem no horário certo. Ele tinha que chegar às sete. Tinha médico que chegava às dez, meio-dia e eu cobrava ele na hora: “Peraí, você não tem pena desse povo que está aqui desde a madrugada? O senhor está chegando agora por quê? Eu vou ver o quê o senhor vai assinar, qual o horário o senhor vai assinar da sua entrada.” E aí a gente botou ordem. Já passava médico que chegava seis e meia da manhã, meia hora antes.

### **Pensando que você estaria lá?**

Isso, isso. E estava mesmo. E denunciava tudo. Denunciava judiciário, morosidade, a falta de atenção do mais necessitado, os privilégios daqueles melhores situados na vida financeiramente, o mau atendimento na saúde, tudo isso era notícia. Então, fazíamos – e eu gostava muito de fazer esse tipo de reportagem – novelas, reportagens em capítulos. Hoje eu entrevistava a mulher que estava doente e não conseguia medicamento, não conseguia médico. Amanhã eu entrevistava o hospital por que não atendeu. Depois de amanhã entrevistava o prefeito por que não tomou providência e ia assim, entendeu? Então, fazíamos capítulos e isso prendia muito a audiência. E fomos líder de Ibope durante muito tempo aqui em Juiz de Fora. Hoje, lamentavelmente, você não vê isso. Porque havia na época também a liberdade de poder falar.

### **Como era a escolha dos lugares que visitava?**

Eu fazia a minha pauta.

### **Você mesmo que fazia?**

É, eu fazia a minha pauta. É claro que tínhamos um suporte também do jornalismo. Mas, na maioria das vezes, eu dava dicas das pautas, porque é o que eu te falei, fazíamos novelas, capítulos. Então, a matéria nunca terminava no mesmo dia, ficava para o dia seguinte. Prendendo a audiência. Então, chegou o ponto de passar uma sirene do Corpo de Bombeiro e colocar na rádio pra saber o que é que era. Porque sabia que a rádio estava lá. Passava o carro da polícia com a sirene ligada, colocava na rádio, sabia que o Bejani ia estar lá.

### **Além de sugerir as pautas e de apresentar o programa, o que mais era responsabilidade sua no Comando?**

Ah, eu fazia... Na rádio a gente fazia de tudo, né? Eu era locutor. Eu tinha um programa do Roberto Carlos, *Almoçando com o Rei*. Eu parei com esse programa tem pouco tempo, depois que eu fui prefeito a segunda vez que eu parei. Até então, eu fazia na rádio *Top*, que é minha em Santos Dumont, fazia esse programa, *Almoçando com o Rei Roberto Carlos*. Ele ficou no ar comigo aproximadamente quase 40 anos. Eu pegava entrevista como Roberto. Roberto me dava entrevista. Então, tinha esse *Almoçando com o Rei*... À noite, olha como é que faltava

gente naquela época, eu fazia o Flashback. Eu adorava. Era um programa de oito a meia-noite. Quando era seis e meia da manhã, era hora de estar na feira livre com reportagem. Olha como é que você tinha que ser eclético. Você está em um programa de rádio fazendo um flashback e seis e meia da manhã você está falando de banana, tomate. Então era muito divertido. Aí saía até meio-dia e, quando a reportagem pedia, emendava na parta da tarde também. Tinha hora, não. Não tinha horário. Era direto. Praticamente se vivia o rádio 24 horas, né? Nós tínhamos durante a madrugada o Ronaldo Mineiro, era cadeirante, e ele foi descoberto também pela rádio Nova Cidade, melhorou durante muito tempo o Ibope durante a madrugada, ao vivo. Foi isso. E isso me ajudou a fazer meu projeto de governo. Em 88, em 87, eu quis ser vereador, em 1987. Aí eu falei “ih, rapaz, não quero mexer com política, não!”.

### **Não foi uma ideia sua?**

Não, isso foi a própria população. O pessoal que eu visitava nos bairros, um grupo do Linhares falava assim “você tem que ser nosso vereador”. Eu falava “ah não vou mexer com isso, não”. Passou 1987. Quando entrou em 88, que era o ano da eleição, você tinha até maio pra decidir... Você sabe de uma coisa? Eu comecei a escutar as pessoas falando “ninguém é prefeito”. Eu falei “oh, você sabe de uma coisa? Eu não vou perder nada. Eu sou pobre. Se eu perder a eleição, eu continuei pobre, ficou a mesma coisa. Eu vou dar trabalho para esses caras”. Aí custei a arrumar partido, também, porque ninguém acreditava que eu ganharia a eleição.

### **E você acreditava?**

Não. Depois que eu entrei no PJ [Partido da Juventude], eu acreditava que eu ia dar trabalho a eles. Eu tinha na manga o conhecimento de toda a cidade, eles não tinham. Então, eu tinha dois minutos, um minuto na televisão. Um minuto. Quer dizer, eu minto pra você. 45 segundos que o PJ tinha, o Partido da Juventude. E eu comecei a usar uma tática na televisão. Eu começava e não terminava: “Hoje eu quero falar algumas verdades para vocês” e acabava o meu tempo, claro. E entrava o PMDB, com o Murílio Hingel. Ele disputou comigo pelo PMDB, ele e a Margarida. A Margarida era vice do Murílio Hingel. E o povo começou a entender que eles não me deixavam falar. Aí o juiz, Dr. Flávio, mandou me tirar do ar um dia. Dois dias. Eu adorei, porque eu não tinha dinheiro pra gravar mesmo. Quando eu voltei, eu falei: “Está vendo? Eu não posso nem querer falar a verdade, até o juiz me tira do ar”. Aí virei vítima mesmo. Aí eu comecei a sentir que ia ganhar a eleição. Porque eu não terminava o programa. Eu falava demais pra terminar e cortar mesmo, para achar que o Murílio Hingel estava me cortando, o PMDB.

### **E, se por um acaso continuasse, você não tinha nada para falar?**

Saía do ar, ué. Entrava o PMDB.

### **Não, saía do ar. Mas aí você falava assim: “Ah, vou falar...”**

“Vou falar para vocês agora uma grande verdade”. Aí bum: acabava o tempo. Aí no dia seguinte eu falava assim: “Está vendo como não me deixam falar a verdade?”. E já tinha acabado o tempo também.

### **Mas a verdade não tinha?**

Tinha nada. Tinha nada. Tinha nada.

### **Era uma estratégia?**

É, uma estratégia. Porque eu não tinha tempo. Embora nos debates... Aí a coisa começou a mudar. Nos debates eu comecei a mostrar pra eles o conhecimento que eu tinha. Aí disputei com o Custódio, disputei com Murílio Hingel, disputei com o José de Castro Ferreira, que já faleceu, disputei com Mello Reis. Olha só, hein? O Mello Reis tinha sido prefeito, entregou pro Tarcísio. Ele ficou seis anos, o Tarcísio ficou seis anos. E eu entrei e ganhei deles. Tarcísio apoiando o Murílio Hingel e a Margarida, o Custódio, no PSDB, tinha acabado de ser fundado... Ganhei do José de Castro, ganhei do PT e ganhamos as eleições. Então, é claro que eu passei uma semana ainda na ilusão de tudo maravilhoso. Quando eu acordei para o que eu estava pegando, uma cidade problemática, uma cidade que ainda não sabia o que era informática, com mais de 14 mil funcionários naquela época, hoje tem mais de 23, mas tinha mais de 14 mil naquela época. Uma folha astronômica, onde o computador que gerava a fazenda municipal era quase do tamanho dessa sala. E era a sala da secretaria da fazenda e quando dava defeito tinha que vim o pessoal de Curitiba para poder arrumar aqui. Era uma coisa assim, bastante idade da pedra. Aí eu tremi um pouco. Mas eu tive sorte e Deus me ajudou muito, me colocou pessoas muito sábias do meu lado, tipo um Renato Garcia, Dr. Medina, professor da Universidade, Dr. Luiz Carlos Mazzoco, da Universidade, Regina Mancini, professora da Universidade de Educação, Dr. Joel Lawal, médico e professor. E esse grupo começou a formar a base do governo. Isso deu credibilidade. Povo falou “Opa! Esse moço não é bobo. Olha quem ele tá colocando! Os professores comandando as áreas que eles ensinam. Então o governo foi uma surpresa pra muitas pessoas. Você não tenha dúvida disso. Tanto é que hoje, queiram ou não, seja candidato ou não, eu estou nas pesquisas. Faz qualquer pesquisa em Juiz de Fora, eu estou aparecendo. Ora encabeço, ora estou em segundo lugar. Eu estou lá, brigando. “Ah! Você é candidato?”. “Não sei”. Eu tenho a minha empresa hoje de construção civil, eu tenho ele [aponta para o filho] que está cantando, eu tenho empresas de promoções e publicidade, enfim. Eu tenho uma série de compromissos. Não sei se me daria vontade de voltar. No momento eu não tenho. No momento. Mas eu trago recordações maravilhosas de tudo isso que aconteceu. Fazem o que quiserem, jamais irão apagar o meu nome dessa cidade. Jamais. Daqui a dez anos vão se lembrar que passou um cara, que foi duas vezes prefeito, um cidadão chamado Carlos Alberto Bejani, que veio do meio do povo, que ele não precisou de tempo de televisão para fazer fantasias para ganhar a eleição. Eu era objetivo: o que precisava pra saúde? E, engraçado, hoje a gente tem uma mentalidade, né? Aquele que entra numa campanha para falar mal hoje, perde a eleição. Como é que muda! Naquela época, quando eu fui a primeira vez, tinha que falar mal. Que era uma vergonha o INSS, o INPS. Que era uma vergonha falta de trabalho, falta de mão de obra, falta de qualidade da educação. No segundo mandato meu de prefeito, já mudou. Falar, desde aquela época para agora, que a saúde não é legal não é novidade para ninguém. A novidade é você falar como ela vai ficar legal. Falar que está faltando mão de obra qualificada e que algumas dessas vagas são preferencialmente doadas para os estrangeiros não é novidade. A novidade é você mostrar como a mão de obra vai ser qualificada e ela vai ser encaixada aqui mesmo.

### **Bejani, como você acha que o programa te ajudou a se eleger?**

Conhecimento, né? Conhecimento. Além de eu conhecer os problemas, eu passei a ser conhecido. Todos conheciam o Bejani. Tanto é que eu não tive dificuldade... Eu não tinha cartaz na época, eu botava em jornal velho. Eu pedia no programa de televisão: “manda jornal velho para eu fazer meus cartazes”. Aí a gente escrevia com pincel “Bejani 36”.

### **E isso era estratégia ou realmente...**

Não tinha mesmo. Eu não tinha mesmo. Ninguém me fazia doação nenhuma na campanha, ninguém acreditava. Quer dizer, a classe média A não acreditava. Eles achavam que ia dar

Murílio Hingel ou Custódio. Ou Mello Reis. Mello ficou em penúltimo lugar, Custódio ficou em terceiro e o Murílio Hingel em segundo. E eu em primeiro. Então, eles não acreditavam que nós ganharíamos as eleições. E não tinha mesmo. Para você ter uma ideia, eu andava numa Belina velha. Velha. Belina já é velha. A que eu andava era mais velha ainda. Até com podridão em baixo.

### **Quando o Comando entrava no ar?**

Eu participava com todos. Eu era um âncora. Eu era um girador de informações. Eu participava no Show da Manhã, que tinha Cláudio Jair Coelho. Participava na hora do almoço, no debate, que tinha o José Carlos Lery Guimarães. Participava na parte da tarde. Quem era o rapaz da tarde? Wilson Amin. Eu girava. Era o dia inteiro de notícias. Eu girava com todos. A gente mesmo criava a pauta na rua. E as pautas eram muito dirigidas. Por exemplo, hoje vai entrevistar o prefeito. A entrevista é sobre o quê? Ah, a entrevista é sobre a rua tal que está pronta. Não, não me interessa. Isso ele dá entrevista para vocês por telefone. Eu vou entrevistar a rua que não foi feita. Eu buscava sempre aquilo que tinha a fazer e não o que tinha sido feito. Sempre tem coisas a fazer. Claro que não deixava de reconhecer as coisas boas que era feitas na época. Com muita dificuldade, inclusive. Mas é isso, a rádio me ajudou a conhecer os problemas e passar a ser conhecido.

### **Como era o contato com os ouvintes? Linque no seu primeiro casamento...**

Lotou a Catedral. É, lotou a Catedral. Eu ganhei presentes, muitos presentes. Os taxistas se reuniram, me deram televisão... enfim: isso tudo era parte do rádio. O único responsável da divulgação do meu nome, do crescimento do conhecimento das necessidades de Juiz de Fora, e até do estado de Minas, chama-se rádio. Rádio.

### **A linguagem que você usava, de denúncia, era uma linguagem sua mesmo ou foi uma linguagem que você criou para este programa?**

As duas coisas. As duas coisas, né? Primeiro você precisa falar a língua do povo. Não adianta você falar *stand by* que ele não vai entender. Se você falar para aguardar, ele vai entender. Então você tem que falar o que o povo entende. Não é falar errado. É falar a linguagem que o povo entende. Não é “nóis vai”, “nóis fica”. Não é isso. E isso foi feito. A própria convivência nesse meio – uma hora você está entrevistando uma pessoa que trabalha como servente de pedreiro, o cara com um tijolo na cabeça ali, né?! Um exemplo. Daqui a pouco você está entrevistando um engenheiro, tem curso superior... Daqui a pouco você volta entrevistando um motorista de ônibus, que não tem. Pode até ter hoje, não sei, mas na época não tinha uma formação superior. Então, você pegava todas as camadas da sociedade com nível cultural também. E isso te faz, te fazia e fez a mim, ser um portador da facilidade de comunicação. Eu falava de um jeito que eu me fazia entender tanto na classe pequena, como na classe média e na classe A.

### **Foi um jeito que você construiu ao longo do rádio ou era um jeito que já era seu?**

Não, isso eu construí dentro do rádio. Porque não é brincadeira você entrar ao vivo. Se você entra ao vivo, quando você erra, errou. Você não tem como regravar. Você não tem como... Hoje é muito comum você fazer gravado e o operador ele emenda, ele corta a sua matéria, põe maior, põe menor, põe lá. Naquela época não tinha nada disso. Está ao vivo. Se você der uma derrapada, o conselho que a gente dava é “não volte”. Não alerta quem não ouviu a mancada que você deu. Errou? Vai embora! Não volta para corrigir, não. Se você corrige, dependendo da falha, quem não observou, passa a observar. Então, isso tudo você aprende com o trabalho mesmo. Aprendia, naquele trabalho do rádio ao vivo.

**Quem fazia o Comando com você?**

Não, eu tinha só um motorista. Só um motorista.

**O resto era tudo por sua conta?**

Tudo por minha conta.

**Depois que você se candidatou você continuou com o programa?**

Não. A rádio me mandou ir embora. Gozado, né? Eu, quando falta um mês, um mês e pouco pras eleições, a rádio já não era do Josino mais. A rádio era do Beto Lavinás, que é dono da Energia hoje, dono da Privilège. Ele trabalha para o Mello Reis. Ele falou assim: “Bejani, ou você sai da campanha – você não vai ganhar mesmo – ou eu vou te mandar embora, que a gente está com o Mello Reis. Aí já começou a mudar a cara da rádio. Eu falei: “oh, você pode me mandar embora. Eu vou até o final. Então, eu fui candidato desempregado. Um mês antes das eleições, eu estava desempregado. Eu já começava a me preocupar. Eu falei: “gente, na hora que acabar a eleição, eu tomei um posicionamento político. Nem a Rádio Solar, que era a PRB-3 na época, nem a Rádio Capital – ficava lá em cima na Rua da Laguna, muito pequenininha, muito sem vida já – nem a Rádio Nova Cidade... Nem a Rádio Solar, nem a Rádio Capital, ninguém me quer. Eu vou fazer o quê? Eu vou ter que arrumar a minha mala e ir embora daqui. Porque eu tomei um posicionamento político e é muito difícil eu ganhar isso”. Quando faltava uns 15 dias, aí já era outra conversa. Aí eu já começava: “não é possível!”. No meu comício era eu um sanfoneiro cego e lotava! “Ninguém está vindo aqui para ver o sanfoneiro. Esse povo está aqui para me ver. Não é possível que esse povo vem aqui para ver o sanfoneiro cego tocar”. E tocava mal ainda porque cego, coitado. Não é possível. Quando chegou a antevéspera das eleições, que eu fiz um comício no Largo do Riachuelo, entupiu a Rio Branco, fechou a Rio Branco. Falei: “gente! Eu ganhei!”. Aí eu saí andando na [Avenida] Rio Branco, tinha um comício do Mello Reis no Parque Halfeld. Eu vim com aquela multidão atrás de mim na [Avenida] Rio Branco, passei e levei a multidão lá com o Mello comigo. Acabamos com o comício do Mello.

APÊNDICE B. ENTREVISTA COM DOMINGOS FRIAS<sup>28</sup>**Qual a origem da rádio Nova Cidade?**

Havia em Juiz de Fora uma rádio, emissora AM, que se chamava Difusora, era o nome de fantasia dela, a razão social eu não me lembro. Porque todas as emissoras de rádio, você vê Nova Cidade é um nome de fantasia. O nome real é Rede Juiz de Fora de Radiodifusão Ltda. Então, Nova Cidade é fantasia. A Difusora foi do mesmo dono da antiga Rádio Industrial e TV Industrial. Era o Dr. Sérgio Mendes, pai de dois filhos, que eram dois irmãos, que era o Gudesteu, já falecido, e o irmão dele, Geraldo Mendes, que é vivo. O Dr. Sérgio Mendes tinha a Rádio Industrial e a TV Industrial e tinha a Difusora. A Difusora ele vendeu para o Glauco Fassheber. Ele é um radialista. Antigamente não havia faculdade de comunicação, todos nós éramos formados pelo próprio trabalho. Então, o Dr. Sérgio Mendes dispôs da Difusora, vendendo, então, para o Glauco Fassheber. Mas havia uma série de irregularidades dentro da emissora. Irregularidades não administrativas, mas irregularidades de não cumprimento de normas técnicas e da legislação vigente da época. Ocorreu que a rádio foi considerada perempta pelo Ministério das Comunicações. Então, conseqüentemente, o canal que era uma AM na frequência 730 kHz. A rádio, então, tenho sido considerada perempta, fechou. Tendo sido ela fechada, o canal fica vago. Como nós chamamos, é uma vacância de canal. Existe um plano nacional de distribuição de canal, cada cidade tem os seus canais já predeterminados. Tem um estudo, antigamente tudo mapeado. Mas para Juiz de Fora em ondas médias, um dos canais, eu não vou falar todos para você, um dos canais era o 730. Com a vacância do canal, eu já trabalhava junto à Secretaria de Governo da Prefeitura de Juiz de Fora, cujo secretário de governo era Fernando Antônio Rainho Tomás Ribeiro e o prefeito era Francisco Antônio de Mello Reis e eu prestava uma assessoria naquela época de recursos audiovisuais, que eu tenho uma especialização, e eu também sou da área. Além da área de comunicação, eu também era da área acadêmica, fui professor e havia me especializado em comunicação audiovisual. Não só empresarialmente como também dentro da área acadêmica. Então com a vacância do canal, eu cheguei para o Fernando Rainho e para o Mello Reis e falei assim “olha, ficou vago o canal 730 aqui em Juiz de Fora”. E naquela época se dizia, se dizia não, a coisa era política. Então havia uma concorrência. O que se dizia na época era que quando era aberta uma concorrência é porque havia um edital do concorrente. Esse edital era até uma brincadeira que se fazia que falava assim “é-de-tal” porque já abriu, então já sabia de quem era. “É-de-tal”. Então, aberto o edital de concorrência, e eu então com o Mello e o Rainho falei assim: “olha esse canal está aberto, antes que alguém peça a abertura dessa concorrência do canal”, e como na época a gente era uma força política que exercia aqui... na época era a Arena e depois veio o PDS. Porque aqui sempre foi um reduto emedebista, depois peemedebista e tudo o mais. Aí então eles não entendiam nada, eu já tinha uma experiência muito antiga em radiodifusão, eu já havia passado por algumas emissoras. Então foi pedida a abertura do edital. Para se concorrer, tem que se constituir uma empresa. Foi constituída uma empresa. Quem constituiu essa empresa fui eu, que era a Rede Juiz de Fora de Radiodifusão Ltda., que eram três sócios: Francisco Antônio de Mello Reis, Fernando Antônio Rainho Tomás Ribeiro e eu. Só que, como a coisa tem um peso político muito grande, na composição da sociedade, nós colocamos um Deputado Federal, um Deputado Estadual e o vice-prefeito participaram da sociedade. E eu fiquei fora da constituição societária, porém eu fiz todo o trabalho técnico de montagem e eu participava com 20%, o Mello Reis 40%, o Rainho 40%. Eu abri mão desses 20% para José Carlos Fagundes Neto, que era Deputado Federal, para João Navarro, que é um Deputado Estadual, todos do PDS. Resultado da concorrência não podia ter sido outro a não ser esse grupo, ou seja, a Rede Juiz de Fora de Radiodifusão ganhou a concorrência. Aí,

---

<sup>28</sup> Realizada em dezembro de 2012.

posteriormente, a Rádio foi montada e, para encurtar, ela foi inaugurada oficialmente em janeiro ou fevereiro, em janeiro, se eu não me engano, de 1983. Mais precisamente do que isso aí, aí já é minha época, eu já tenho documento, ela entrou em um rápido caráter experimental de dois meses, anterior à sua inauguração, foi inaugurada. Mas o Mello e o Rainho não eram pessoas da radiodifusão. Os outros entraram só para constar. Então, eu e o Mello fizemos uma reunião e foi, então, acertado que eu assumiria a rádio e eles então venderam a parte deles. O Mello e o Rainho e mais os outros que compunham apenas por compor fizeram a transferência para a minha pessoa e eu então busquei um sócio, que era o professor Josino Aragão. Então a Rádio ficou sendo minha e do professor Josino. Isso foi exatamente no dia 13 de maio de 1983. A rádio ficou no ar dois meses e pouco, três meses, com uma programação insipiente, muitas pessoas dentro da rádio foram para lá por questão política porque o Mello e o Rainho eram políticos. Só que quando eu assumi a rádio, eu assumi para administrá-la, eu então deixei de lado o cunho político e parti para o cunho profissional. Tanto é que foi uma rádio que marcou época, por isso é que você hoje – estamos em 2012 – você está se lembrando dela, muita gente se lembra dela. Então, eu dei um cunho jornalístico e totalmente diferente à rádio. Não só um cunho jornalístico, uma programação totalmente diferente, voltada ao esporte, voltada ao jornalismo, voltada aos fatos, às coisas diárias.

### **A Rádio Nova Cidade trouxe alguma mudança no panorama das emissoras de rádio da cidade?**

Eu posso afirmar a você que houve uma revolução no rádio. Porque o rádio era muito tacinho, era muito voltado para dentro de si próprio. Nós tínhamos que colocar o rádio na rua. Porque havia até um slogan que foi usado na Rádio Continental, coisa de antigamente, que dizia assim: “O que a Continental não deu foi porque não aconteceu”. E a gente se baseava nisso. Porque eu queria fazer com que qualquer fato que acontecesse na cidade alguém se lembrasse da rádio Nova Cidade e dissesse: “liga na Nova Cidade que vai dar”. “A Nova Cidade já deve estar dando”. “Eu ouvi na Nova Cidade”. Então, ouvir na Nova Cidade e ouvir a Nova Cidade significava credibilidade. Nessa época, estive em Juiz de Fora um professor, uma pessoa, um comunicador, um jornalista falecido em 2002, chamado Hélio Tys, o filho dele é o Bruno Tys que é diretor-chefe hoje do jornal O Extra, se não me engano. O Hélio Tys estava comigo, nós fizemos algumas reuniões, conversamos muito, que é uma pessoa que eu conhecia do Rio e aí então o Hélio falou para mim. Falou assim: “olha, a Nova Cidade vai ser a Rádio Globo de Juiz de Fora”. Não essa rádio globo que tem aqui agora. Quando se dizia isso, não havia satélite, não havia nada, não havia rede. Ele dizia isso no sentido de que a gente ia, conforme a Globo já dominava o espaço no Rio de Janeiro, ele dizia pelas características que a gente estava tendo. Tanto é que você vai observar que eu diria que mais de 90% do quadro de locutores foi formado dentro da própria rádio. Nós tínhamos a exceção de Claudinei Coelho, que já era um radialista antigo, e do Carlos Alberto Bejani, que tinha passado por uma rádio em Barbacena, ele trabalhava como propagandista da Coca-Cola e veio para Juiz de Fora, estava na Rádio Nova Cidade quando eu fechei o negócio e passei a administrar a rádio, o Carlos Alberto Bejani já estava lá, mas nada daquilo que ele fazia. Eu entrevistei um por um dos funcionários e, na época, ele até havia me dito que ele cobria a Câmara Municipal e que trabalhava até com um gravador que era dele porque ele argumentou que a rádio não tinha nem gravador. E eu imediatamente mandei pagar o gravador porque a ferramenta de trabalho tem que ser da emissora. Você não pode, no seu horário de trabalho, usar o seu microfone. Muito bem. Então, esse foi um dos primeiros contatos que eu tive com o Carlos Alberto Bejani e aí então nós começamos a criar uma nova programação e novos comunicadores. Eu poderia dizer, na época, que nós tínhamos uma pessoa que vale a pena ser lembrado na história do rádio de Juiz de Fora, mas que é esquecido, que é o Ronaldo Mineiro.

O Ronaldo Mineiro foi um Jô Soares do rádio. Eu ouvi pessoas que falavam comigo “eu não durmo sem ouvir o Ronaldo Mineiro”, que é um slogan usado “não durmo sem o Jô” ou coisa parecida. O Gil Horta começou comigo com 16, 17 anos. Era um menino fantástico. O Sérgio Rodrigues, que foi lá conversar comigo, eu conversei com o Sérgio. Ele me falou sobre o irmão dele, que era o Gil, que o Gil tinha um serviço de alto-falante em Santa Cruz e eu falei: “manda esse menino agora conversar comigo que esse menino tem futuro”. E é o Gil Horta. Nós tivemos o José Mauro que se especializou em música sertaneja. Hoje é um produtor de eventos. José Mauro também começou comigo na Rádio Nova Cidade. Enfim, eram muitos novos valores que começaram na Rádio Nova Cidade. Isso eu sei que incomodou, vamos dizer assim, a velha guarda do rádio. E em pouco tempo nós passamos a rádio para 24h, coisa que era inédita na cidade também, aí houve a criação do Comando 730. O Comando 730 nada mais é do que uma cópia dos Comandos Continental, só que Juiz de Fora não tinha essa característica e nós então botamos a rádio na rua.

### **Você se lembra em que ano que foi?**

1983.

### **O Comando 730 tinha um caráter de denúncia?**

Não, não, não, não, não. Ele tinha um caráter jornalístico, o Bejani é que possuía esse caráter particular. Tanto é que não foi só o Bejani que fez o Comando 730, as pessoas não se lembram das outras pessoas. Inúmeras pessoas. Nós tínhamos o Comando de manhã e tínhamos de tarde. Eu nem me lembro do nome de todos que passaram pelo Comando. Eu posso dizer que o Bruno Lery Gumarães, filho do falecido José Carlos Lery Guimarães, foi o primeiro a fazer o Comando na parte da tarde. O Bejani fazia de manhã. Qual era a característica do Comando? O Comando era o fato. Podia ser o fato policial, podia ser um fato de acidente, podia ser um incêndio. Só que depois, principalmente que a rádio foi vendida, em 1986 eu vendi a rádio, o Comando continuou. Então, o Comando não era apenas um denunciador, o Comando era um jornalismo, factual que não tinha hora de entrada. Ele não era um jornal de hora marcada. O fato acontecia, tinha que estar junto. Aí nós tínhamos um sistema de rádio escuta, coisa que não se tinha naquela época. A gente ouvia o rádio da Polícia, ouvia o Corpo de Bombeiros, a gente sabia exatamente o que estava acontecendo nos lugares, as denúncias que eram feitas, nós sabíamos a fila do antigo INSS, qual médico faltoso. A gente apurava primeiro. Era pautado também. O Bejani era uma pessoa pautada. Hoje você vai em tal lugar, em tal hora, fazer isso, fazer aquilo. Claro que se ele passasse pelo sindicato ou por um determinado local e um fato estivesse acontecendo, ele dava prioridade ao fato ali. Era o imediatismo do jornalismo. Agora, todo fato ele tinha princípio, meio e fim. Isso foi ensinado ao Bejani pelo Hélio Tys para que ele trabalhasse dessa maneira. Olha, o fato aconteceu. Primeira coisa, você vai noticiar o fato, vai dizer o quê. O quê que houve? Agora, nunca encerrar a matéria “e acabamos de apresentar”. Nunca. “Dentro de alguns minutos voltaremos com mais informações” para prender o radio-ouvinte. Se merecesse um desdobramento, então seriam três, quatro, quantas entradas no ar se fizessem necessárias. Então, era como se fosse contar uma historinha. Se você tem um fato numa determinada rua, vai contar a história.

### **Então, o Comando era para ser um programa jornalístico e foi adquirindo esse caráter de denúncia devido à personalidade do Bejani?**

Exato. Até porque a rádio foi vendida em 1986, nós já estávamos em primeiro lugar no Ibope, era Ibope mesmo, era pesquisa. E a gente trabalhava em cima de pesquisa trimestralmente e aonde a gente sentia que havia alguma queda de audiência, a gente trabalhava em cima

daquilo dali. Tanto é que foi uma rádio que, à época, teve todos os horários em primeiro lugar de audiência, chegando em alguns horários a ser 100%.

**A programação da Nova Cidade era direcionada a um tipo de público?**

Não, não. Era voltada para a comunidade de Juiz de Fora, era uma rádio voltada para toda a cidade.

**O grande destaque da rádio foi o Comando?**

Foi a Rádio como um todo. Tanto é que, é o que eu falei pra você, se nós pegarmos uma pesquisa, se o Ibope tiver uma memória, e buscar o não de 83, 84, 85, na época em que nós adquirimos trimestralmente as pesquisas, e posteriormente, se não me engano, semestralmente, vai encontrar o gráfico evolutivo da rádio até chegar ao top de audiência.

**A ideia do Comando, inspirada no Carlos Palut, foi sua?**

Com certeza.

**Por que você pensou em trazê-lo para Juiz de Fora?**

Porque eu fiz Comando Continental. Eu fui da Rádio Continental, em Campos. A minha cidade, Campos dos Goytacazes, é uma cidade-irmã de Juiz de Fora. Mesma população. Só que Juiz de Fora tem um potencial. Vamos dizer, na época nós não tínhamos uma cidade universitária em Campos conforme nós temos em Juiz de Fora. Juiz de Fora era uma cidade, na época, de um poder aquisitivo maior. Campos hoje tem um poder aquisitivo maior por causa da descoberta do petróleo, por causa de seu campo petrolífero. Mas, foi justamente por isso. E até porque o rádio aqui era um rádio muito... não sei como me expressar para você. Mas era um rádio feito à moda antiga e acomodado. Pronto. Foi uma revolução a Rádio Nova Cidade, sem dúvida.

**Como você escolheu o Bejani para fazer o Comando?**

Eu encontrei o Bejani já trabalhando na Rádio Nova, cobrindo a Câmara Municipal, pegando matérias com um gravador para serem editadas e colocadas dentro do jornal falado da rádio. Só isso. Aí a partir daí, nós vimos que ele era um rapaz que tinha potencial, tinha pique e tudo o mais. Para fazer o programa, a Rádio Continental tinha carro. Nós compramos um carro que não existia em Juiz de Fora. Era um furgão, tipo essas vans que tem hoje. Era uma coisa inédita. Foi o primeiro aqui. Sendo que, nós fazíamos questão que esse carro fosse para o Calçadão, ficasse parado em frente à antiga prefeitura, ali na Parque Halfeld. Então era uma melancia, tinha que ser visto. E a partir do momento em que ele era visto, conseqüentemente, a audiência subia. Aí a gente começou a levar esse carro aos bairros e fazia, diariamente, uma visita ao bairro. E quem fazia isso era o Bruno Lery Guimarães. Tem também uma pessoa muito importante na história da Nova Cidade, eu era um técnico, que é um engenheiro, chama-se Gilmar Barbosa. Foi ele quem montou toda a rádio junto com o coronel Britto, que era da Rede Globo, da TV Globo.

**Em relação ao Comando, quais eram suas principais características, qual era seu principal público?**

Principalmente, toda a cidade de Juiz de Fora. Porque, você imagina, se pega fogo, conforme nós tivemos aqui o incêndio do Espaço Mascarenhas, na época do Mercado Municipal, aquilo é um fato que interessa a todos os juiz-foranos. Então o Comando estaria presente lá naquele momento para poder noticiar. Agora, para o aposentado, se fosse específico, para o segurado do INSS, era desse jeito...

### **O que você acha que o Bejani levou para o programa? Por que ele é até hoje lembrado e os outros repórteres não?**

Porque, na realidade, ele era destemido. Eu já fui diretor de emissora de televisão e já tive casos de falar com determinado repórter: “vai em tal lugar porque está acontecendo isso”. Eu tive um caso, aqui em Juiz de Fora, estava passando no parque Halfeld, tipo oito horas da manhã, e vi um carro forte parado, e cheguei no carro forte para poder saber o que estava acontecendo, tinha umas duas ou três pessoas ali. Era um carro forte que havia fugido, um fugitivo do presídio de segurança máxima em Belo Horizonte. Havia um coronel preso dentro do carro forte, um tenente preso dentro do carro forte. Alguns meliantes haviam tomado o carro em fuga e vieram para Juiz de Fora porque aqui morava um dos meliantes. E, imediatamente, eu senti a matéria. Ali no Parque Halfeld, eu busquei até um outro técnico para instalar um equipamento, porque eu sempre achei que o rádio e a televisão tem que ter um imediatismo. O fato aconteceu. Você tem que estar dando na hora. Porque quando você me pergunta: “a que faixa interessa...?”, não, você não destina a uma determinada faixa, você destina à comunidade. O fato poderá interessar a um determinado seguimento da comunidade, mas ele tem que ser noticiado. Então, quando eu estava acabando de montar todo o equipamento para começar uma transmissão “ao vivo”, coisa inédita em Juiz de Fora, uma jornalista, não vou citar o nome não quis dar a matéria por medo e eu mesmo dei o primeiro flash, com a câmera aberta: “tantas horas, estamos aqui no Parque Halfeld, com um caminhão de valores, foi sequestrado, foi tomado de assalto em Belo Horizonte...”. E depois José Carlos Lery chegou e nós cobrimos 48 horas ininterruptas no ar sobre isso e virou matéria nacional, naquela época, foi o famoso caso da Rua das Margaridas. O cinegrafista, que nós pautamos 24 horas dentro de uma casa, que teve imagens geradas para o mundo inteiro na época. Hoje ninguém fala dele, hoje um advogado aqui em Juiz de Fora. Então, o Bejani foi uma pessoa que tinha a cara do Comando, que tinha a cara de ficar, de ir à rua, e tudo mais. Porém, quando ele se viu sozinho, na realidade, que foi no ano de 1986, no segundo semestre de 86, ele não tinha pauta, não tinha ninguém por trás dele. Então ele cresceu mais, ele se candidatou. Eu achava que o Bejani seria o vereador mais votado da história de Juiz de Fora e ele se candidatou a prefeito e ganhou. E foi uma surpresa, até pra ele.

### **Você acha que teve a contribuição do Comando?**

Total. 100%. Senão, ninguém conheceria o Bejani se não fosse o microfone que ele empunhava. Agora, o Bejani não era uma pessoa que falava mal da administração municipal apenas. Ele falava da administração municipal, ele falava da política, falava dos bandidos, falava da Polícia Militar, falava da Polícia Civil. O que era certo ele falava, o que era errado. Ele era pautado pra isso. Posteriormente, ele não tinha mais pauta. Foi quando nós vendemos e ninguém tinha noção. As pessoas que compraram a empresa deixaram a rádio por conta dela sozinha.

### **Quem que pautava o Bejani na época?**

Na época, era o Luiz Antônio Magri e todos nós lá. A Zilma Hauck, que está hoje na Rádio Globo, o Luis Antônio Magri, que já se aposentou, e nós mesmos que chegávamos: “olha, aconteceu isso, tá acontecendo isso”. E o próprio povo, a população começou: “olha, tá acontecendo isso aqui no meu bairro...”, e por aí vai. O Comando era um ponto de referência dos fatos da cidade.

### **Você saiu em 86 e quem assumiu a rádio?**

Foi o Marcos Falcone, que era sócio do Carlos Alberto Lavinias. Primeiramente, o meu sócio vendeu a parte dele para o Lavinias e para o Falcone. Aí eu fiquei sócio uns meses só e vendi pra eles.

**Você sabe até quando o Bejani ficou no Comando e até quando o Comando ficou no ar? Porque o Bejani saiu para ser prefeito...**

É. E automaticamente ele abandonou a rádio. Aí o Comando acabou e a rádio também acabou... isso foi em 87. O Bejani assumiu em janeiro de 88. O Comando já estava em decadência.

**Tem alguma coisa a que você atribui o encerramento do Comando e da emissora?**

À total falta de administração. Não era só a falta de administração, era a falta de conhecimento do meio. “O olho do dono é que engorda o porco”, você já ouviu falar isso lá na sua terra, ou aqui. Então é isso, se você não estiver presente 24 horas dentro do seu negócio... Eu tinha dentro da minha casa, dentro do meu apartamento, na minha morada, eu tinha, naquela época, uma linha privada, um telefone que você tirava do gancho e ele tocava no estúdio da rádio. Então, para ser administrador você não precisa ser escravo do seu negócio, mas você tem que viver o seu negócio.

**Em algum momento, você acha que o Bejani usou o Comando para a campanha, já sabendo que seria candidato?**

Não, não, não. Foi uma consequência. Eu mesmo, certa vez, estava com ele dentro do meu carro, que tem o equipamento de rádio, e alguém comunicou comigo pelo rádio e falou: “Domingos, tem um crime, apareceu uma pessoa morta na “Curva da Miséria”. *Curva da Miséria* é sentido Zona Norte, onde tem o CTU ali. Ali no morro do Monte Castelo nós paramos o carro. Quando eu parei o carro e o Bejani desceu, eu ouvi o povo: “o Bejani chegou, o Bejani chegou”. Nesse momento, eu botei a mão no ombro dele e falei: “Bejani, você hoje é um cara famoso. Você vai ser o vereador mais votado da história de Juiz de Fora”. A partir daí, não sei se foi a partir daquele dia que a mosca azul teve a primeira intervenção junto a ele, mas eu sei que eu dia eu encontrei com ele e ele disse: “sou candidato a prefeito”. E eu falei pra ele: “você está deixando de ser o vereador mais votado da história de Juiz de Fora pra ser candidato a prefeito derrotado”. Porque eu não acreditava na vitória dele.

**No Comando, que características você acha que fazia o Bejani ficar tão próximo da população?**

O Bejani é defensor dos fracos e oprimidos. Porque, veja bem, nós tivemos uma figura aqui em Juiz de Fora, recentemente, na Panorama, que foi o Omar Peres. O Omar pegava o jornal todo dia, no blog, começou a falar mal do Bejani, depois passou a falar mal do Custódio. É o samba de uma nota só. Se o Bejani começa a fazer isso, ele também não teria tido credibilidade nenhuma. Mas ele também não fez conscientemente, não. Ele fez porque é característica do Comando era essa. Não existe aí, eu volto a falar, não ouve criação por parte dele. A ideia inicial de levar o rádio para o povo foi de Carlos Palut.

**Você acha essa inspiração que veio do Palut se modificou ao longo do tempo?**

No início era e depois mudou. Tanto é que nós tínhamos o Comando de manhã e nós tínhamos o Comando de tarde. Ninguém se lembra que havia Comando 730 à tarde. Jamais alguém vai lembrar assim: “ah, o Bruno Lery Guimarães era repórter do Comando 730, o Breno Rocha fez o Comando 730, o Marcos Nunes Lima fez o Comando 730”.

**Você se lembra de algum fato, algum caso que o Comando noticiou e teve grande repercussão?**

Teve um fato gozadíssimo, vamos dizer assim, que saiu da normalidade. O Bejani era falastrão e certa vez houve uma fuga do presídio de Santa Terezinha em que vários bandidos perigosos fugiram. Então, isso foi à noite, o Bejani passou praticamente a noite toda aí. Ele

era destemido, ele entrava dentro d'água se tivesse que entrar, ele era um repórter completo. Ele não tinha pauta escrita, bastava dizer pra ele: você vai lá e faz isso. Então ele passou a noite toda procurando bandido, atrás da polícia, aquelas coisas. Então, o bandido fazia mal à cidade? Fazia. Ele falava mal do bandido. Então ele era defensor da cidade. Então, era uma quarta-feira, a fuga foi na madrugada de terça para quarta. Na quarta-feira de manhã é o dia da educação física nas corporações militares. Então ele foi ao batalhão de Polícia Militar entrevistar o comandante. E quando ele chegou lá, o comandante havia vindo de Belo Horizonte e o subcomandante também era de Belo Horizonte e estavam os dois jogando peteca. Então, ele na mesma hora falou assim: criminosos invadindo a cidade, evadiram do presídio, ainda não foram recuperados, é um sinal de alerta, todos devem se manter em suas casas. Aí ele aumentava tudo e tudo o mais. Mas eu estou aqui para entrevistar o comandante, eis que me surpreendo o comandante está jogando uma emocionante partida de peteca com o subcomandante. E, diga-se de passagem, que pela hierarquia o comandante vence o subcomandante. Ele era inteligentíssimo. Tudo bem. Fez a matéria. Era tudo ao vivo. Mas nós tínhamos que gravar, era o chamado dedo-duro, era obrigado pela legislação ainda do ministério das comunicações. De repente o telefone toca, era o comandante: “Domingos, olha, você sabe que nós somos amigos, a polícia gosta muito da rádio, mas desta vez o seu repórter se excedeu”. “Mas por que, comandante?”. “Ele disse que eu estava jogando peteca, falaram aqui que ele falou horrores”. “Comandante, eu vou apurar”. Eu fui lá, ouvi a gravação e realmente ele tinha deitado os cachorros em cima do comandante. Eu chamei o Bejani, chamei o Claudinei Coelho, locutor do outro horário e fizemos o seguinte. Fizemos uma remontagem. Aliás, eu prometi ao comandante que levaria fita pra ele: “a partir das 14h eu estou aí com a fita, comandante”. “Eu não posso levar essa fita para o comandante”. Eu expliquei ao Bejani o fato, expliquei ao Claudinei e gravamos, na porta da rádio, toda a matéria outra vez, já com uma conotação mais suave. Ele falou que facínoras haviam fugido, mas que ele não estava conseguindo entrevistar o comandante porque quarta-feira é dia de física dos oficiais, que o oficial estava jogando uma partida de peteca, mas não deu aquela ênfase jocosa de colocar que o comandante ganhava do subcomandante pela hierarquia. E falou o fato. Eu levei a fita e falei assim : “comandante, está aqui a fita”. O comandante assistiu e falou: “é, realmente o pessoal aumenta muito, não tem nada demais”.

**Em termos de linguagem, você acha que o Bejani se identificava mais com a população mais carente?**

Não, não, não. Hoje, cientificamente, há um estudo. Por exemplo, quando a gente fala de linguagem, de ser mais coloquial... Você vê a Fátima Bernardes fazendo aquele programa de manhã. Está usando uma maneira coloquial. Ela tem errado muito, até trocado nomes. Ela é jornalista! Ela está sendo uma Ana Maria Braga de luxo. A Ana Maria Braga por sua vez... [risos] Vou dar um exemplo, o Faustão tinha um programa na Bandeirantes, antigamente, chamado “Perdidos na Noite”. Era fantástico, espetacular. Ele fluía normalmente do jeito que vinha, não havia direção, a direção era dele própria. A partir do momento que ele foi para a Globo, ele vem sendo chamado até de chato, porque é um programa enjoado, um programa quadrado. No Rio, foi uma época áurea do rádio foi o Comando 730. Em Juiz de Fora, a época áurea do rádio foi o comando 730. Por causa do formato. Mas o Bejani foi o melhor apresentador do programa em Juiz de Fora? Foi, sem dúvida. Destemido, tinha uma linguagem fácil, inteligente.

## APÊNDICE C. ENTREVISTA COM JOÃO DE SOUZA COELHO (ALEMÃO)<sup>29</sup>

### **Como você conheceu o Bejani?**

Eu o conheci através de comícios. Quando o Mello Reis era prefeito, ele pôs o Bejano para fazer comício para a sucessão do Mello – que seria o Zé Márcio Paschoalino, na época. E o Bejani trabalhava na Rádio Capital e foi fazer comícios. Assim, na abertura de comício, como locutor das campanhas, para falar. Ele abria os alto-falantes e tal, apresentava os candidatos, a pessoa que ia falar. E dali a gente apanhou conhecimento e o Mello, logo depois que deixou de ser prefeito, montou a Rádio Nova Cidade e o convidou para trabalhar com ele. Ele trabalhava, na época, na Capital e fazia um bico, que seria essas apresentações durante a noite, nos comícios. Com o surgimento da Rádio Nova Cidade – ela era 730 – o Mello o convidou pra trabalhar na Rádio. Da Rádio Capital, ele foi para a Rádio Nova Cidade fazer esse trabalho de rua, de reportagem. A gente saía às sete horas da manhã e ia até meia-noite, uma hora, duas horas. Tinha vezes de virar até a noite, dependendo da condição. Porque tinha aquele projeto. Tinha acabado aquele regime militar e o povo, acho que queria se expressar. Então foi um negócio que chegou para... Coisa diferente. A rádio, então, tava assim muito... Qualquer tipo de imprensa naquela época, na década de 80, de 78 a 82, por aí, ainda tinha aquela coisa de não poder falar, o povo não podia se expressar. Então, com a entrada da Nova Cidade, o povo pôde fazer, falar. Tinha liberdade de imprensa, né? E com isso, com a novidade da rádio, foi criando muita audiência. A rádio ajudava muito o pessoal, o povo, em geral. Dava as informações, na parte da manhã. Dava como estava o trânsito, a gente ia pra delegacia pra ver o que é que tinha acontecido durante a noite, ia para os hospitais, pegava a entrada de paciente. Tipo um resumo geral da cidade. E divulgava um flash.

### **Mas você o conheceu no comício e ele que te levou pra trabalhar com ele?**

Não. Eu trabalhava já com o Mello Reis, que era prefeito na época. Eu entrei na prefeitura em 77 e fui até 83, que teve prorrogação de mandato. Aí o Mello, quando saiu da prefeitura – ele tava montando a rádio quando prefeito. Saiu da prefeitura, assumiu a rádio. Eu já trabalhava com o Mello na prefeitura e ele me levou pra rádio.

### **Como você se dava com o Bejani, na época do programa?**

A gente se dava bem porque a gente era companheiro. Trabalhava eu, ele. Praticamente era a gente que fazia externa. É, então a gente trabalhava, era companheiro os dois. Fazia um trabalho em conjunto ali, né?

### **Qual era o seu trabalho no programa?**

Motorista.

### **Como vocês decidiam o lugar que vocês iam?**

Além desse programa que fazia o trânsito na parte da manhã, depois ia na delegacia e pegava as ocorrências policiais...

### **Tudo fazia parte do Comando?**

Fazia parte do Comando. O Comando 730 ele tinha prioridade para entrar em qualquer horário, em qualquer programa. Aí a gente acionava o locutor que tivesse na época.

### **Não tinha um horário fixo? Ia entrando?**

---

<sup>29</sup> Realizada em junho de 2012.

Não, era qualquer horário. Mas na parte da manhã tinha mais frequência. Na parte da manhã e da tarde a gente tinha uma hora pra apresentar o programa de bairro. O programa de visitas aos bairros. Aí a gente chegava no bairro, montava aquela encenação, tal, chamava o povo pra reivindicar os problemas que tinha e, com isso, o Bejani foi disparado.

### **Como vocês escolhiam os bairros?**

Os bairros que mais tinha problema. O pessoal ligava pra rádio “ah, o bairro tá com problema”. Por causa de o Comando resolver muito os problemas, o pessoal passou a ligar pra rádio e marcava de acordo com a prioridade, vamos supor, se o Linhares tivesse pior do que o Vitorino, o Bairro de Lourdes, a gente ia pro Linhares. E lá pegava as reivindicações dos moradores, chamava o presidente do bairro, alguém representante do bairro. Ele falava no ar, juntava o povão, o pessoal falando o que acontecia. O que mais tinha prioridade, vamos supor, tinha lugar que não tinha rede de esgoto, tinha lugar que a água saía a céu aberto pelas ruas, não tinha água. Tinha era muita decadência na cidade aí, na periferia. Aí acabava o programa, pegava aquelas reivindicações que tinha mais prioridade e levava aos órgãos competentes, que seriam a Secretaria de Obras, o Demlurb, falta de limpeza e muito lixo, Cesama. E, no outro dia, realmente eles mandavam o pessoal lá, davam satisfação ao povo e a gente ia cobrando. Ia pra outro bairro, mas sempre cobrando aquela reivindicação. E com isso a popularidade dele [Bejani] subiu.

### **Tinha os lugares fixos que vocês iam?**

Tinha. Sétima delegacia era na parte da manhã, tipo sete e meia da manhã. Aí dali saía e ia pro HPS, pegava as ocorrências também. As entradas, tipo de coisa grave. Mas a prioridade mais era polícia, que depois tinha o repórter policial. A gente fazia um resumo daquilo que tinha no dia, aí já era outro que fazia a programação. A gente divulgava mesmo só fatos da noite, do dia, durante a noite mesmo a gente dava flashes. E a rádio, em qualquer horário, podia estar à noite que fosse, entrava e cortava para o Comando. Por isso que deu essa audiência. O pessoal ficava ligado na rádio pra ouvir o programa.

### **Como era a rotina?**

Não tinha hora. Não tinha horário, não. A gente chegava sete e meia, sete, sete e pouca e ia até quando desse. Tinha dia que tirava umas três, quatro horas na hora de almoço. Era nesse intervalo entre as onze, que acalmava a parte da manhã dava aquele trabalho e ia ter visita aos bairros de duas e meia as três, três e meia. Aí a gente dava aquela folga na hora de almoço e emendava até duas, três horas da manhã, final de semana.

### **Só procurando problemas?**

Só procurando problemas. A gente tinha fontes que (risos) eu não posso falar com você gravando.

### **Quais eram as maiores dificuldades que vocês tinham?**

Não tinha muito problema porque o Pio XII dava muita sustentação. Isso um ano já que o Mello vendeu para o Pio XII aí deram uma assistência geral. No início da rádio foi um pouco difícil até ela começar a caminhar. Depois não, depois não teve mais problema nenhum porque o Pio XII dava... Pifou um aparelho na mesma hora chegava um aparelho e já colocava no lugar. Tinha um técnico, inclusive, que ficava à disposição da gente. Justamente para não ter aqueles cortes da programação da pessoa estar assistindo a programação da rádio. Quando o Mello passou a rádio pro Josino, o Josino equipou a rádio toda, colocou um furgão que chamava a atenção. Era a TV Bandeirantes, a TV Pio XII, a TV Bandeirantes e a Rádio Nova Cidade. O furgão chamava muita atenção por onde passava. E, com isso, foi. Fez a festa.

**Então não tinha nenhuma dificuldade pra fazer o Comando?**

Não, nenhuma. Nem na montagem de externa. Porque tinha uma externa violenta, tinha que montar os alto-falantes, os microfones. A gente não tinha problema porque tinha um técnico que acompanhava todo o trabalho.

**Como vocês se preparavam para ir num lugar?**

Amanhã anunciava bairro tal.

**Mas antes de vocês saírem para um lugar, o Bejani tinha uma pauta?**

Mais ou menos aquilo que eu te falei. A pessoa ligava pra rádio. Porque tinha um ou dois ou três programas e o pessoal foi baseando que o bairro dele precisava também. Aí ele ligava para lá e a gente olhava se realmente era prioridade e ia fazer aquele que era prioridade.

**Como o Bejani era recebido?**

Bem recebido. Inclusive, teve uma vez, foi no aniversário dele, aniversário dele é dia 24, dia de São Cosme e São Damião. Aí a gente chegou no bairro, já tava tudo arrumado. O pessoal mesmo preparou. Bairro... do lado do Monte Castelo, lembro o bairro até direitinho.

**Como era o contato dele com os ouvintes?**

Ele entrava nas casas, ia lá, visitava, se tinha problema ele tentava ajudar, foi popularizando e chegou aonde chegou. Ele chegou a pensar em ser candidato a vereador, mas quando ele viu que ele tava com ibope alto, ele saiu pra prefeito. Ele ficou conhecido como radialista, como repórter. Popularidade igual ele teve foi feito com o comando 730. Porque no mesmo momento que a gente estava lá no alto dos passos a gente estava lá no calçadão, saía do calçadão estava na praça do Manoel Honório, saía da praça do Manoel Honório estava no Benfica. Era assim, coisa rápida.

**Você notava na época do Comando se ele tinha algum interessa por política?**

Ah, tinha. Ele tinha interesse em ser candidato a vereador. Ele falava assim comigo, que queria ser candidato a vereador pra poder ajudar o povo, que ia ter mais facilidade e, com isso, o povo foi acreditando. E, realmente, ele resolvia muita coisa.

**Você se lembra da população pedindo pra ele se candidatar a alguma coisa?**

Não. Não tinha muito não. Porque isso foi criado depois. Quando ele falou que era candidato a vereador e tal. Aí inclusive ele desligou, tinha um período pra desligar. Aí ele desligou da rádio e foi só fazer campanha. E o tempo dele era muito curto, na rádio, que ele tinha 3 segundos só pra falar. Ele pegava, saía para os bairros de qualquer jeito, era um Kombi, um alto-falante, continuou fazendo aquele trabalho. Não sei nem como ele ganhou a eleição. Não tinha dinheiro.

**Como você acha que na época as pessoas viam o Bejani?**

Como um salvador e como uma pessoa igual. Nesse ponto ele tinha muita facilidade de, até hoje, convencer. Ele é muito inteligente.

**Você acha que a população tinha uma esperança de ele...**

Tinha a esperança que ele seria... Acreditaram. Até então porque ele fazia. Agora, o poder é diferente. Você com o poder na mão você tem um pensamento. Você pode até tentar fazer e não conseguir. Você tendo, você vê o outro lado da coisa. A partir do momento em que você passa a ter é que você vê as dificuldades que a pessoa critica. Você criticar o Custódio, quem seja, é muito fácil. Agora você chegar lá...

**Porque no Comando ele resolvia?**

Resolvia porque ele tinha as fontes e o pessoal tinha um medo da imprensa. Medo que a imprensa queimar o governo. Era época do Tarcísio, quem ganhou era o Tarcísio do candidato que o Mello tinha colocado e o Tarcísio com medo de queimar e tal.

**Você se lembra de alguma história que vocês viveram no programa?**

A gente via muita morte, muito suicídio. Igual, uma vez um carro caiu no rio Paraibuna perto da ponte da [Rua] Benjamin [Constant] e os corpos desapareceram. Um carro da Telemig, na época. Três pessoas. Atropelou uma senhora e nele atropelar a senhora, a senhora agarrou na beira do rio e o carro caiu com três e foi embora. Aí foram achando gente. Um dia depois acharam um ali na Vila Ideal, depois acharam perto da Usina Quatro e depois acharam outro lá na Granjas Betânia. E a velhinha de 78 anos se salvou. E tem vários casos assim, no Morro do Cristo, um suicídio, um cara que suicidou, tava lá marrado na corda. A gente ficava sabendo das coisas assim e já caminhava pra lá.

**Você se lembra de alguma história que ele vivenciou com algum prefeito?**

Com prefeito não. Mas ele tinha uma ligação muito grande com os taxistas porque os taxistas todo mundo apoiava ele. Como tinha muita audiência na rádio, ele ia tomar café com os taxistas, marcava o horário de café da manhã no centro, ia lá e tomava café com os taxistas, fazia aquele meio de campo, uma hora na rodoviária, uma hora no São Mateus, na pracinha de São Mateus. Ele tinha uma amizade muito grande com o pessoal dos táxis.

**Por conta das denúncias que vocês faziam no Comando, você já passou por alguma situação difícil?**

Isso houve muito, ele tinha umas coisas assim, por exemplo: ele tinha raiva de droga, dessas coisas, então algumas vezes tiveram algumas agressões. Inclusive, antes, nos comícios também. Ele é meio abusado, teve umas brigas, às vezes, com o pessoal da oposição, a favor da situação que seria a gente. Houve briga. Ele perdeu o relógio uma vez, rasgou a roupa, em comício, em briga de discussão. Ele já era repórter, mas não assim. Houve muitas brigas, no Calçadão teve umas duas tentativas de agressão. Agora existiam os prós e os contras. Tinha gente que chegava e falava “isso é bobeira, é conversa fiada”, ele ficava revoltado e reagia. Em qualquer circunstância ele chegava junto.

**Você se lembra de alguma situação que teve discussão ou briga?**

Existia umas pressões. Teve um bicheiro, Ernani Ramos de Oliveira Bicheiro, que desapareceu e ele pegou esse caso. Ele acompanhou muito esse caso e teve muitas ameaças, não sabia de onde, quem e tal, mas ninguém aparecia. Chegou uma vez de marcar num lugar de encontrar, que se ele continuasse falando no caso do Ernani ele ia desaparecer. Aí marcou o lugar e nós fomos. Inclusive até com carro particular, não foi com o carro da rádio, não. O caso do Ernani ele ficou uns seis meses pegando pesado no pé. Aí ele começou a falar de delegado que estava no meio... Ele chegou até a ajudar o pessoal da Polícia Federal na época. Nós, inclusive, fomos chamados lá, eles falaram que não era da área deles, que quem estava cuidando do caso seria a Polícia Civil e Militar, que a Polícia Federal não entra nesse negócio. E até hoje o Ernani está desaparecido. Se puder, ele mexe até hoje no caso do Ernani, um dos

bicheiros mais fortes da região. Foi um bicheiro que desapareceu do Calçadão à [Rua] Mister Moore, ali onde é o Mister Shopping hoje. Entrou no estacionamento ali e sumiu.

**Você ficava com medo?**

A gente ficava porque eles faziam ameaça e chegava a ter medo. Mas ele nunca temia não. Se marcasse para ir em alguma lugar, ele ia. Chegava lá e encarava mesmo. Não tinha medo não. Ele tinha estopim curtíssimo. Em futebol, nego xingava, ele ia lá e... Mas a gente tinha uma equipe muito boa que logo chegava... Ele saía lá de dentro do campo e ia discutir com o torcedor. Ele não era brincadeira, não.

**Chegou alguma vez de ele apanhar mesmo ou não?**

Não, o que eu presenciei foi mais discussão. A que eu presenciei que ele apanhou foi essa que o Mello, o Rainho, o pessoal mandou tirar, deu o relógio a ele. Mas foi no comício. Não tinha nada a ver [com o Comando], não. No Comando, tinha até alguma ameaça, mas as confusões maiores eram em campo de futebol. Torcedor não é brincadeira, né?

**Por que você acha que ele ganhou essa eleição em 88? Acha que teve contribuição do programa?**

Teve, não tem dúvida não. Ele se fez através da rádio. E dali ele criou aquela imagem e foi prefeito. Só que não resolvia muito, porque, igual eu te falei, você fora do poder é uma coisa, no poder, meu filho... Você critica, agora vai encarar para você ver.

**Você acha que ele estava fazendo o Comando já pensando em ser candidato?**

Não. Não sei. Não. Acho que não. Nesse ponto não porque ele fazia mesmo por gostar. Na época, ele tinha muito comercial e o pessoal da rádio dava muita colher de chá pra ele, que ele punha muito comercial na rádio.

**Você trabalhou com ele durante todo o Comando?**

Foi. Porque logo depois ele saiu pra se candidatar e o Mello foi candidato a deputado. Eu fui embora pra Brasília e não tive mais contato com ele.

**Isso foi no ano da eleição?**

No ano da eleição.

**Você começou a trabalhar com ele no Comando em...**

Foi logo no finalzinho da administração do Mello. 83 a 85, por aí.

**Foi quando surgiu mesmo?**

Foi. Foi quando surgiu o Comando 730. Foi quando a rádio começou a se falar nesse período. Ela começou a aparecer mesmo depois de 83, em 84 o Josino já comprou, aí disparou.